



PERSONALIDADE E CASAMENTOS DE LONGA DURAÇÃO

JOANA ISABEL MARQUES PEREIRA

ORIENTADOR DA DISSERTAÇÃO:

PROFESSORA DOUTORA TERESA BOTELHO

**TESE SUBMETIDA COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO
GRAU DE:**

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

ESPECIALIDADE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Teresa Botelho, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o Despacho da DGES, nº6037/2007 publicado em Diário da República 2ª série de 23 de Março, 2007.

Agradecimentos

À Professora Doutora Teresa Morais Botelho pela orientação baseada na sabedoria, paciência, partilha de saberes e por todas as palavras de incentivo e carinho que motivaram a realização deste trabalho. O seu apoio e contribuição neste estudo foram de extrema importância para mim, estando certa de que servirá de inspiração ao longo da minha vida pessoal e profissional. Muito, muito Obrigada!

Ao Carlos Garcia e ao David Garcia pela total disponibilidade com o espaço e o à vontade que me proporcionaram na recolha da amostra. Muito Obrigada!

À Dr.^a Cláudia e à Rita pela disponibilidade e preocupação que sempre revelaram, pelo auxílio e pelas sugestões que me foram transmitindo em todas as situações. Muito Obrigada!

À Direcção da Universidade Internacional para a Terceira Idade (UITI) obrigada por terem possibilitado, desde logo, a recolha nessa instituição.

À Direcção da Associação de Reformados e Pensionistas de Torres Novas (ARPE) obrigada por terem proporcionado a recolha nessa instituição e assim ajudado à realização deste estudo!

A todos as pessoas que se voluntariaram a participar neste estudo o meu mais sincero obrigado, porque sem eles não teria conseguido chegar até aqui.

Aos meus pais, por me terem dado todas as ferramentas essenciais que possibilitaram e facilitaram este processo. Sem vocês nunca teria conseguido... Obrigada por tudo!

Ao meu namorado e mais-que-tudo, que desde o início teve um papel muito importante! Tendo ajudado na escolha do tema e em todas as fases desta investigação. Obrigada por sempre me teres compreendido e puxado para junto de ti quando apesar de tudo que tinha para fazer, tu sabias que eu precisava era de descansar. Obrigada para sempre!

Aos meus familiares e amigos que, apesar de me sentirem mais distante, sempre me deram força e acreditaram que eu ia conseguir finalizar mais uma etapa, aturando sempre o meu desânimo e cansaço. Obrigada por terem sempre esse sorriso e as palavras de esperança que tanto precisei!

Resumo

O presente estudo tem como objectivos principais conhecer o perfil de personalidade de indivíduos com casamentos de longo termo e as eventuais correlações entre a personalidade e os anos de casamento. Pretende-se um estudo exploratório da realidade, com recurso a uma amostra de conveniência, constituída por 35 participantes com idades compreendidas entre os 46 e os 88 anos, de ambos os sexos, casados ou viúvos, mas com casamentos há mais de 10 anos.

Os instrumentos de avaliação utilizados foram o NEO-PI-R (Costa & McCrae, 1992) e um Questionário de Caracterização da Amostra.

Os principais resultados demonstram um perfil de personalidade com maior capacidade de resistir à tentação e às frustrações e um comportamento cauteloso e ordenado.

Parece que com o decorrer do tempo de relacionamento conjugal, a impulsividade diminui, registando-se um aumento dos níveis de altruísmo.

As características personológicas supracitadas podem desempenhar um papel protector na longevidade do casamento.

Palavras-Chave: Traços de Personalidade, NEO-PI-R, Casamentos de longo termo.

Abstract

The main goals of this study are primarily to know the personality profile of individuals with long term marriages and the possible correlations between personality and years of marriage. The aim is an exploratory study of reality, using a convenience sample consisting of 35 participants aged between 46 and 88 years, of both sexes, married or widowed, but with weddings for over 10 years.

The assessment instruments used were the NEO-PI-R (Costa & McCrae, 1992) and Questionnaire Sample Characterization.

The main results showed a personality profile with a greater ability to resist temptation and frustration and a cautious and orderly behavior. Impulsivity appears to diminish as the years of marriage will increase, while altruism appears to reach higher levels as the years go by in the marital relationship.

Features above may play a protective role in the longevity of marriage.

Key Words: Personality traits, NEO-PI-R, Long-term marriages.

Índice

Introdução.....	11
1-Enquadramento Teórico.....	12
1.1) Personalidade, a definição do conceito.....	12
1.2) O Modelo dos Cinco Factores; Teoria dos Traços; Teorização da Personalidade.....	13
1.3) Estabilidade e desenvolvimento da personalidade – os factores da personalidade ao longo da vida.....	19
1.4) Personalidade e Género.....	23
1.5) A Conjugalidade: A formação do casal – porquê casar?.....	25
1.6) O reencontro do casal.....	28
1.7) A vivência do casal idoso.....	29
1.8) Satisfação Conjugal.....	31
1.9) Casamentos de Longa Duração.....	32
1.10) A semelhança de personalidades e a complementaridade.....	32

2- Metodologia.....	36
2.1) Objectivos Específicos.....	36
2.2) Material.....	36
2.3) Participantes.....	37
2.4) Procedimento.....	39
2.5) Delineamento.....	39
3-Resultados.....	40
3.1) Análise Descritiva dos Resultados das Variáveis Clínicas.....	40
3.2) Comparação do Perfil de Personalidade da Amostra com os Valores Normativos para a População Portuguesa.....	41
3.3) Comparação do Perfil de Personalidade em função de Variáveis Demográficas.....	45
3.4) Estudos Correlacionais entre Variáveis Psicológicas e Variáveis Demográficas.....	45
3.4.1) Longevidade do Casamento e Personalidade.....	45

3.4.2) Perfil de Personalidade e Idade.....	46
3.4.3) Perfil de Personalidade e Género.....	47
4-Discussão.....	48
5-Conclusões.....	57
6-Referências.....	59
Anexo A- Pedido formal de autorização à Universidade Internacional para a Terceira Idade (UITI).....	63
Anexo B - Pedido formal de autorização à Universidade da Terceira Idade da Associação de Reformados e Pensionistas de Torres Novas (UTIARPE).....	65
Anexo C- Pedido formal de autorização Centro Social Paroquial Santo António de Riachos.....	67
Anexo D- Termo de Consentimento Informado.....	69
Anexo E- Questionário de Caracterização da Amostra.....	71
Anexo F- Caderno NEO-PI-R.....	74
Anexo G- Domínios e Facetas do NEO-PI-R.....	75
Anexo H- Análise de Conteúdo.....	84

Anexo I- Outputs: Estatística Descritiva.....	85
AnexoJ-Verificação da Normalidade e Homogeneidade das Subescalas.....	91
Anexo K- Subescalas cujos pressupostos da Normalidade e Homogeneidade não foram verificados.....	93
Anexo L- Valores das médias da amostra em comparação com valores normativos.....	95
Anexo M- Valores da mediana – Teste de <i>Wilcoxon para uma mediana populacional</i>	108
Anexo N – Perfil personalidade e área de residência.....	111
Anexo O – Estudo correlacional entre perfil de personalidade e anos de casamento.....	112
Anexo P – Estudo correlacional entre perfil de personalidade e idade.....	122
Anexo Q – Estudo correlacional entre perfil de personalidade e género utilizando o coeficiente de correlação Bisserial.....	128
 Índice de Quadros	
Quadro 2.3 – Resumo da Caracterização Sócio-Demográfica da Amostra.....	39
Quadro 3.2 – Caracterização do Perfil Factorial de Personalidade da Amostra.....	42

Quadro 3.3 – Caracterização das escalas com o teste de <i>Wilcoxon para uma mediana populacional</i>	45
--	----

Introdução

A grande prevalência de divórcios na sociedade actual conduziu ao aparecimento de diversas investigações, com o intuito de compreender quais os factores contributivos para este fenómeno e as consequências do mesmo (Bachand & Caron, 2001).

Mais recentemente, outros autores tiveram como objectivo retratar, por outro lado, quais as condições que permitiam que os casamentos pudessem resistir ao longo do tempo (Fennel, 1993; Kaslow & Hammerschmidt, 1992; Lauer & Lauer, 1986; Lauer, Lauer & Kerr, 1990; Sharlin, 1996; cit. por. Bachand & Caron, 2001). Estas investigações focaram-se em casamentos de longa duração, para assim terem uma melhor perspectiva do que contribui para a estabilidade da união e em que situações os indivíduos consideram que a sua relação é satisfatória ou não. As relações íntimas são um factor central da vida adulta e a qualidade das mesmas tem implicações ao nível da saúde física e mental dos sujeitos (Norgren, et. al, 2004).

Como tão bem nos diz Neto (2000, p. 324), «a vida sem amor seria para muitas pessoas como um filme a preto e branco onde saltitam acontecimentos, mas sem a paleta de cores que lhe dá brilho e lhe propicia um sentido de concelebração. Acredita-se que o amor é uma das compensações da vida para o trabalho árduo e mal compensado, para a doença e, porventura, embora num âmbito muito limitado, para a mortalidade». Mas o casamento abarca consigo muitos outros factores, que não apenas o amor. A personalidade apresenta um papel preponderante na relação entre os cônjuges, na medida em que pode influenciar a forma como o outro interage ao longo do casamento, dos seus sentimentos em relação ao outro e à relação, e pode ainda remeter para as crenças que cada um vai formando relativamente à personalidade do parceiro (Huston & Houts, 1998, cit. por Spotts, Lichtenstein, Pedersen, Neiderhiser, Hansson, Cederblad & Reiss, 2005).

Na presente investigação, é nosso propósito verificar qual o perfil de personalidade dos indivíduos que têm ou tiveram casamentos de longa duração, isto é, com relações iguais ou superiores a 10 anos (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt & Sharlin, 2004; Field & Weishaus, cit. por Bachand & Caron, 2001).

A temática em estudo foi escolhida a partir do interesse pela área da conjugalidade, em particular, a importância de se compreender quem são os indivíduos constituintes do casal e os factores que podem uni-los, em detrimento do que pode levar ao fracasso da relação.

Na parte inicial desta investigação iremos realizar uma breve revisão de bibliografia acerca da personalidade e conjugalidade e, de seguida apresentaremos a metodologia, os resultados e a discussão dos mesmos.

1 - Enquadramento Teórico

1.1) Personalidade, a definição do conceito

O conteúdo das conversas que animam o nosso quotidiano está repleto de términos acerca da personalidade. Sempre que ouvimos falar acerca deste conceito todos parecem saber de que se trata, tornando-se no entanto a tarefa deveras complicada se tentamos descrevê-lo. Não só no senso comum parece ser complexo encontrar uma definição simples, concreta e adequada, mas também ao longo do tempo, após décadas e décadas de esforços teóricos e empíricos para o estudo desta temática, a definição de personalidade permanece como algo bastante difícil de tratar (Botelho & Leal, 2001).

Talvez a dificuldade em encontrar uma definição resida no facto de os estudos apenas se debruçarem sobre um aspecto singular do sujeito psicológico, sendo que se deve estudar o sujeito como um todo, incluindo aquilo que o torna singular e único relativamente aos outros indivíduos, tentado perceber o que “as pessoas realmente são”. Então, o estudo da personalidade implica o estudo do sujeito como um todo, prestando assim particular atenção ao que o torna único e distingue dos seus semelhantes (McAdams 1995, cit. por Botelho & Leal, 2001). A abundância de definições levou à tentativa de compreender o que existe de comum entre as mesmas. Assim, Kimmel (1984, cit. por Lima, 1999) sublinha três aspectos comuns às diferentes definições da personalidade, na medida em que todas fazem alusão à “unicidade do indivíduo, aquilo que o distingue de todos os outros, a um conjunto de características estáveis e duradouras, ao longo do tempo e das situações e ao estilo característico de interacção entre o sujeito e o ambiente físico e social” (Lima, 1999, p. 387). O realce conferido a cada uma destas características prende-se com o respectivo modelo teórico a que está associado.

Costa e McCrae são considerados os autores que mais têm contribuído para o desenvolvimento do conceito, conseguindo ultrapassar esta aparente dificuldade em encontrar uma definição adequada. Surgiu, assim, a personalidade como um sistema constituído por “traços e processos dinâmicos, através dos quais o funcionamento psicológico do indivíduo é influenciado” (Costa & McCrae, 1994, cit. por Lima, 1997, p.36). Por sua vez, o conceito de traço é descrito pelos mesmos autores como representando as dimensões das diferenças individuais, constituídas por padrões consistentes de pensamentos, sentimentos e acções (Costa & McCrae, 1994, cit. por Botelho, 2006). A definição supracitada encontra-se intimamente relacionada com o Modelo dos Cinco Factores, instrumento de eleição no presente estudo que a seguir trataremos.

1.2) O Modelo dos Cinco Factores; Teoria dos Traços; Teorização da Personalidade

Na psicologia da personalidade, surge o Modelo dos Cinco Factores (Five Factor Model ou FFM) como forma de descrição compreensiva dos traços de personalidade, em termos de cinco dimensões básicas. Este modelo, relativamente aos seus adversários, apresenta um avanço substancial no que remete para a descrição universal dos traços de personalidade, tendo sido necessário percorrer um longo caminho para se chegar a este patamar. Os teóricos, confrontados com um sem número de “atributos particulares que tornam os seres humanos verdadeiramente únicos”, sentiram necessidade de transformar estes conceitos numa taxinomia representando uma função integrativa que permitisse aos investigadores estudar dimensões específicas da personalidade (Botelho & Leal, 2001, p.42). Assim, ao facultar uma nomenclatura facilitar-se-ia a classificação das descobertas empíricas e o diálogo entre investigadores.

De acordo com Goldberg (1990, cit. por Lima, 1997), um dos primeiros cientistas a considerar a importância da hipótese lexical terá sido Francis Galton, afirmando que as principais diferenças individuais estariam inscritas na própria linguagem. Assim, em 1884, encontrou no dicionário cerca de mil palavras relacionadas com o constructo de personalidade.

McDougall (1932, cit. por Botelho & Leal, 2001), na primeira edição da revista “Character and Personality” (mais tarde viria a ser designada como “Journal of Personality”) lançava a possibilidade de a personalidade poder ser descrita apenas através de cinco grandes factores: Intelecto, Carácter, Temperamento, Disposição e Génio. Mais tarde, Klages (1926) e Baumgarten (1933), dois psicólogos alemães, seguindo o mesmo pensamento e objectivo de McDougall, centraram-se na linguagem comum, dando assim origem à Hipótese Lexical. O pressuposto inerente a esta hipótese estabelece que todas as diferenças individuais terão sido registadas e codificadas em *termos-traços* na própria linguagem. Deste modo, se a hipótese lexical se demonstrasse correcta, a análise da linguagem facultaria uma taxinomia compreensiva dos traços da personalidade (Raad & Szirmak, 1994, cit. por Lima, 1997).

Para que melhor se compreenda esta lógica, recorremos a Widiger & Trull (1997, cit. por Botelho, 2006, p.150): “ Os traços da personalidade que os povos tenham considerado como preponderantes para a sua descrição e a descrição dos outros, serão aqueles para os quais terão desenvolvido, ao longo da história das suas línguas, um maior número de termos para caracterizar as manifestações, expressões e nuances inerentes a esses traços da personalidade”.

Outro investigador interessado nesta temática foi Thurstone (1934, cit. por Lima, 1997), pioneiro do desenvolvimento da análise factorial e da psicometria, afirmando que seria possível reduzir eficazmente uma lista de sessenta adjectivos, utilizados para descrever pessoas, em cinco factores comuns e independentes.

Apesar de parecer agora aparentemente simples, o Modelo dos Cinco Factores proposto por McDougall e Thurstone, demorou mais de cinquenta anos até ser aceite de forma séria e generalizada (Digman, 1994, cit. por Botelho, 2006).

Allport & Odbert (1936, cit. por Lima, 1997) também deram o seu contributo para o desenvolvimento do modelo. Na medida em que retiraram de um dicionário da língua inglesa 18.000 *termos-traços*. Posteriormente, numa edição do *Journal of Personality*, dedicado ao Modelo dos Cinco Factores, McCrae & John (1992, cit. por Botelho, 2006) fazem alusão à comprovada importância social dos traços da personalidade. Seguiu-se Cattell (1943, cit. por Lima, 1997) que defendia que uma vez que o tema central do discurso humano é o comportamento, todos os aspectos da personalidade humana estariam encriptados na linguagem natural.

Tendo em consideração este pressuposto e baseando-se nos 18.000 traços dos autores citados anteriormente, Cattell retirou, por sua vez, 4.500 traços estáveis e construiu 171 escalas, na sua maioria bipolares. O resultado foi um complexo sistema de factores, primeiro 16 e seguidamente 8. Este modelo acabaria por sofrer duras críticas no momento em que foi publicado. Apesar disso, Fiske (1949, cit. por Botelho, 2006), recorrendo às escalas de Cattell, obteve como resultados uma solução de cinco factores, descoberta que passou despercebida até 1961, data em que Tupes e Christal recorreram também a escalas de Cattell e verificaram novamente a existência de cinco factores. Com esta replicação, avançou-se com a hipótese de que as dimensões traço constituiriam "...uma taxinomia exaustiva de atributos da personalidade" (Saucier & Goldberg, cit. por Botelho, 2006, p.151).

No início dos anos 80, Goldberg investe numa minuciosa reanálise lexical, em que emergem, de novo, cinco factores, confirmando-se assim a robustez do modelo, aparecendo neste contexto a expressão ainda hoje utilizada: "Big Five" (Goldberg, 1981, cit. por Botelho & Leal, 2001). Segundo Lima (1997), foram surgindo investigações com o intuito de relacionar os adjectivos/factores de Goldberg ("Adjective Check-List") com o Inventário de personalidade NEO, baseado em três factores de McCrae & Costa (1983), surgindo posteriormente o NEO-PI, já de cinco factores, que por sua vez levou ao desenvolvimento do NEO-PI-R (1985; 1989) com cinco factores e trinta facetes.

Na história da personalidade, a tradição lexical teve um papel relativamente reduzido. Contudo, uma outra fonte de suporte do Modelo dos Cinco Factores tem representado um

papel preponderante, uma vez que os questionários têm constituído a base da maioria das avaliações da personalidade, aplicados com objectivos práticos ou teóricos (Lima, 1997).

Confrontados com diversas teorias acerca da personalidade e, conseqüentemente, questionários para as operacionalizar, poder-se-ia pensar que resultados revelassem poucas semelhanças entre si. No entanto, segundo McCrae e John (1992, cit. por Lima, 1997) parece existir redundância em redor daquilo que os instrumentos de avaliação medem, na medida em que muitas escalas medem as emoções negativas crónicas e outras se relacionam mais com a actividade interpessoal, temáticas de interesse para opostas áreas da psicologia. A partir destes dados, Eysenk identificou as dimensões de Neuroticismo (N) e Extroversão (E), e, a partir dos instrumentos que as avaliaram, os psicólogos chegaram a um comum acordo em que estes dois factores constituíam duas dimensões centrais da personalidade, possíveis de serem encontradas em vários instrumentos, designando Wiggins (1968, cit. por Botelho, 2006) estas duas dimensões iniciais como as “Big Two”.

Mais tarde, no entanto, os investigadores perceberam que estes factores não abrangiam a totalidade das características da personalidade. Assim, em 1974, Tellegen e Atkinson apontaram uma terceira dimensão, com características relacionadas entre si mas independentes de E e N, à qual atribuíram o nome de Abertura a Experiências Absorventes e de Mudança Pessoal (“Openness to Absorbing and Self-Altering Experience”, no original). Costa e McCrae, em 1976, seguindo os mesmos passos, propõem a dimensão de Abertura à Experiência (originalmente intitulada “Openness to Experience”; Lima, 1997).

Os autores supracitados partilhavam a mesma admiração por Eysenck e pela sua capacidade de procura de constructos gerais, que se estendiam a novas dimensões. Seguindo o seu exemplo, conseguiram elaborar um mapa sistémico dos traços da personalidade. Segundo McCrae e John (1992, cit. por Botelho, 2006), foi neste momento que a tradição dos questionários e da hipótese lexical confluíram, dando origem ao Modelo dos Cinco Factores. Uma nova dimensão seria implementada em 1980 por Costa e McCrae, o Auto-Controlo, sendo actualmente reconhecida pela forma de Conscienciosidade (“Conscientiousness”). Por último, a Amabilidade parece ter sido descoberta nas análises do Circumplexo Interpessoal de Leary que combina as dimensões Extroversão e Amabilidade do MBTI (“Myers-Briggs Type Indicator”).

O modelo surge num momento histórico que resulta do encontro entre a abordagem lexical e os questionários, sendo que a contribuição mais importante dos estudos provenientes dos questionários para o modelo foi de natureza teórica (McCrae e John, 1992, cit. por Lima, 1997).

Ao longo de cerca de sessenta anos e após três fases de desenvolvimento em que se observou a longa caminhada do FFM, revela-se importante destacar a segunda metade da década de oitenta, devido aos importantes desenvolvimentos metodológicos e empíricos. Nesta fase, surge o aparecimento de um instrumento, o NEO-PI-R (Costa & McCrae, 1987; McCrae & Costa, 1989), desenhado propositadamente com base no FFM, cujo principal objectivo foi o de avaliar as cinco dimensões da personalidade.

Os factores explicitam a Teoria Implícita da Personalidade, sendo que a mesma se encontra codificada na linguagem do quotidiano e corresponde à nossa experiência na relação com os pares.

Devido à interveniência de dois sistemas paralelos na formação do modelo, as nomenclaturas dos cinco domínios sofreram algumas divergências. Contudo, parece-nos importante reter a definição do modelo de McCrae & John (1992, cit. por Botelho, 2006): “uma organização hierárquica dos traços da personalidade em termos de cinco dimensões básicas: Extroversão (E), Amabilidade (A), Conscienciosidade (C), Neuroticismo (N) e Abertura à Experiência (O). Tendo como base o instrumento NEO-PI-R, desenvolvido por Costa e McCrae e a partir de Lima & Simões (1995, pp.135 ss.) será resumidamente apresentada uma descrição dos cinco domínios:

Neuroticismo (N)

Esta dimensão inclui a adaptação versus instabilidade emocional. O Neuroticismo pode encontrar-se de forma mais acentuada em indivíduos preocupados, nervosos, hipocondríacos, com desejos e necessidades excessivas e estratégias de *coping* desadequadas. Salienta-se, ainda, uma tendência para experienciar afectos negativos como a tristeza, medo, embaraço, raiva, culpabilidade e repulsa. Sujeitos que tenham resultados baixos em N são considerados emocionalmente estáveis, calmos, relaxados, seguros, de humor constante e capazes de enfrentar situações que envolvam stress.

Extroversão (E)

Os sujeitos extrovertidos são sociáveis, apreciando o convívio com os outros, sendo optimistas. Demonstrando uma disposição alegre e enérgica, são amantes da diversão, afectuosos, activos e conversadores. Sujeitos com baixa pontuação neste domínio, irão revelar um comportamento mais reservado, sóbrio, tímido, silencioso e mais orientado para a tarefa.

Abertura à Experiência (O)

Esta faceta procura avaliar a apreciação da vivência pela experiência em si, a procura proactiva, a tolerância e a exploração do não familiar. Como componentes deste domínio podemos salientar a imaginação activa, a sensibilidade estética, a curiosidade intelectual e o

juízo independente. Os sujeitos são curiosos em relação ao seu mundo interior e exterior, sendo que as suas experiências de vida são muito ricas. Devido a este tipo de estrutura, encontram-se disponíveis para experienciar diversos tipos de emoções, positivas e negativas. Sujeitos com pontuações baixas em O, terão tendência para um funcionamento mais convencional, conservador, optando pelo familiar em detrimento do desconhecido.

Amabilidade (A)

À semelhança do que se disse acerca da Extroversão, também nesta faceta os sujeitos estão direccionados para as tendências interpessoais. Espera-se que um sujeito seja altruísta, prestável, confiável, crente, recto e simpático, na expectativa de que o outro seja igualmente simpático. Pelo contrário, a pessoa é desagradável, egocêntrica, cínica, rude, pouco cooperativa, vingativa e céptica em relação aos interesses dos outros, revelando-se mais competitiva do que cooperativa.

Conscienciosidade (C)

No que diz respeito a esta dimensão, observa-se o grau de organização, persistência e motivação no comportamento orientado para a concretização de um objectivo. Num dos extremos podemos encontrar sujeitos escrupulosos e de confiança, sendo que no extremo oposto estão pessoas preguiçosas e descuidadas. Um sujeito consciencioso apresenta força de vontade, determinação, ambição, perseverança e confiança. Sujeitos com baixas pontuações em C são mais preguiçosos, despreocupados, negligentes e com menor força de vontade, parecendo haver alguma evidência de que serão mais hedonistas.

Quanto à compreensividade do FFM, pode-se concluir que “a sua longa história, a sua replicação intercultural e validação empírica, através de diferentes métodos, avaliadores e grupos de sujeitos fazem dele uma descoberta básica no domínio da psicologia da personalidade” (McCrae & John, 1992, cit. por Botelho & Leal, 2001, p.54).

Apesar de o empirismo ser faceta central neste modelo, têm sido realizados, ultimamente, vários investimentos ao nível da sua fundamentação teórica. Deste modo, citando Wiggins (1992, cit. por Botelho & Leal, 2001), podemos apresentar cinco perspectivas de cariz teórica acerca deste modelo: 1) a teoria dos traços por McCrae e Costa; 2) a perspectiva interpessoal de Trapnell e Wiggins; 3) a perspectiva de competências sociais, encabeçada por Hogan; 4) a abordagem lexical, de Goldberg e, mais recentemente, a perspectiva evolutiva (5), sendo Buss um dos seus grandes impulsionadores. Segundo Wiggins, são estas as grandes linhas teóricas do “Big Five” actualmente.

Uma das críticas que têm sido apontadas ao Modelo dos Cinco Factores é de que o mesmo carece de certos elementos básicos para poder ser considerado uma teoria científica (Eysenck, 1993, cit. por Lima & Simões, 2000).

Devido à escolha do instrumento utilizado neste estudo faremos especial alusão à Teoria de Costa e McCrae.

Segundo Costa e McCrae (1996, cit. por Lima, 1997), a Teoria dos Cinco Factores da Personalidade apresenta categorias de variáveis que uma teoria da personalidade deve conter. Como refere Lima e Simões (2000, p.172), “tais variáveis estruturantes representariam os ‘constituintes básicos e universais’ de grande parte das teorias da personalidade conhecidas”, podendo cingir-se às seguintes: tendências básicas, adaptações características, auto-conceito, biografia objectiva e influências externas.

Quando às **tendências básicas**, estas constituem o material mais primário, podendo apresentar-se sob a forma de capacidades ou disposições, sendo maioritariamente mais inferidas do que observadas. Orientam e constituem o potencial basilar do indivíduo, sendo herdadas ou originadas a partir de experiências precoces. Alterações poderão apenas ocorrer na sequência de uma doença ou intervenção psicológica.

As **adaptações características**, por sua vez, correspondem às manifestações concretas das tendências básicas, constituindo as competências, hábitos e atitudes adquiridas na interacção do sujeito com o meio.

No que diz respeito ao **auto-conceito**, este refere-se ao conhecimento, pontos de vista, avaliação do *self*. Vão desde factos sobre a história pessoal até à identidade, proporcionando, deste modo, coerência à vida, sendo por vezes expressos nas Histórias de Vida ou nos Mitos Pessoais.

A **biografia objectiva** é constituída pelo que um sujeito fez, pensou, sentiu e disse desde o início até ao final da sua vida.

Por último, mas não menos importante, surgem as **influências externas**, que incluem as influências desenvolvimentistas e as circunstâncias actuais a nível geral e específico.

O esforço realizado por McCrae e Costa, através da teoria dos cinco factores, com o intuito de ultrapassar o empirismo da abordagem dos “Big Five” é de louvar. Segundo Lima (1997, p.177) “não há, nem provavelmente haverá, uma teoria completa da personalidade. A teoria dos cinco factores não faz excepção”. No entanto, introduz a possibilidade de existirem algumas carências, dando as bases o mote para algo mais consistente.

Este modelo demonstrou ser bem aceite, especificamente quanto à sua compreensividade e abrangência, bem como devido aos contributos teóricos recentemente conseguidos. No entanto, algumas críticas são manifestadas por parte de alguns investigadores, nomeadamente Block (1995, cit. por Botelho, 2006) que questiona a metodologia relativa ao carácter empírico do FFM e a questão da Análise Factorial. Reforça, ainda, o facto de algumas questões relacionadas com o número de factores e a obtenção de

rotações óptimas a partir dos factores eleitos continuam por esclarecer. Por sua vez, também a Análise Factorial, pecaria por não reunir as capacidades ideais para seleccionar as infinitas especificidades de que o ser humano é dotado.

Uma outra crítica, que surge neste contexto, relaciona-se com o possível distanciamento do modelo face às variáveis processuais, contextuais e construtivas. McCrae & Costa (1995, cit. por Botelho, 2006) defendem que, efectivamente, os psicólogos da personalidade se devem debruçar seriamente sobre os aspectos ligados às diferenças do funcionamento intra-individual. Mais tarde, os mesmos autores lançam uma proposta teórica no âmbito das Teorias da Personalidade, em que tentam “oferecer uma perspectiva sobre como as explicações baseadas nos traços encaixam num modelo mais amplo de compreensão do funcionamento da pessoa” (McCrae & Costa, 1995, cit. por Lima & Simões, 2000, p.176).

Um último aspecto que frequentemente é dirigido enquanto crítica ao Modelo dos Cinco Factores, é o facto de na taxinomia dos “Big Five” não se verificam alguns elementos básicos, o que impede que se possa revelar uma teoria científica. A manifesta falta de especificidade na definição dos cinco factores levanta outras questões, como a sub-divisão do modelo, na medida em que ainda não existe consenso quanto aos sub-factores (Lima & Simões, 2000).

Apesar de algumas das críticas aqui apresentadas, devem considerar-se os contributos do modelo. Tendo o mesmo a abrangência que pudemos verificar, as possíveis implicações teóricas e práticas são muito amplas. São de destacar as suas contribuições na psicologia da personalidade, nomeadamente no que diz respeito à estrutura da personalidade na idade adulta, na compreensão do vasto leque de constructos personológicos existentes e, ainda, na questão das mudanças e influências da personalidade ao longo do ciclo de vida (Lima, 1997).

1.3) Estabilidade e desenvolvimento da personalidade – os factores da personalidade ao longo do ciclo de vida

O envelhecimento corresponde a um conjunto de processos que o organismo sofre após a sua fase de desenvolvimento. Envelhecimento e desenvolvimento envolvem fenómenos dinâmicos “que evocam transformações do organismo de natureza biológica ou psicológica, em função do tempo” (Fontaine, 2000, p. 14). Neste âmbito, investigadores anglo-saxónicos falam acerca da abordagem *long life span*, que remete para a ideia de “vida inteira”, segundo a qual se postula que ocorram profundas modificações psicológicas ao longo de toda a vida e que o desenvolvimento não termina na idade adulta (Baltes, Staudinger & Lindenberger, 1999; Staudinger, 2001). Segundo a mesma concepção, os padrões de envelhecimento e de idade podem tomar várias formas e resultar em grandes diferenças interindividuais (Baltes,

1987, 1993, 1997; Dannefer, 1988; Maddox, 1987; Schaie, 1989, cit. por Smith & Baltes, 1997; Seeman, Lusignolo, Albert & Berkman, 2001; Gerstorf, Smith & Baltes, 2006) Em termos de funcionamento cognitivo, o envelhecimento é um fenómeno dissociativo, na medida em que alguns domínios resistem à idade, ao passo que outros declinam (Smith & Baltes, 1997; Fontaine, 2000; Gow, Pattie, Whiteman, Whalley & Deary, 2007).

Os traços de personalidade têm diferente expressão ao longo da vida, sendo que as condições em que vivemos podem ter influência na manifestação dos mesmos. É comum pensar-se que o meio promove a mudança, mas devemos considerar a possibilidade de o mesmo poder também dar origem à estabilidade da personalidade. No decorrer das nossas vidas, muitas são as mudanças com que somos confrontados, quer por opção, quer por imposição externa (como as doenças, a conjugalidade, a parentalidade, entre outras). Surge, deste modo, a questão do impacto que essas alterações terão ao nível da personalidade de cada um.

Vários estudos longitudinais foram realizados através do modelo dos “Big Five” (Costa & McCrae, 1988; McCrae & Costa, 1984, 1987; McCrae & Costa, 1986, cit. por Fontaine, 2000), com o intuito de estudar a estabilidade e as mudanças que ocorrem nas estruturas da personalidade. Comprovaram que a personalidade permanece globalmente estável no decorrer da idade adulta e que os cinco factores do modelo “Big Five” podem ser encontrados em todos os sujeitos, em qualquer idade, concluindo-se assim que com o avançar da idade, até à velhice, não se observam efeitos sobre a personalidade, sendo que existe estabilidade e mudança na fase do fim da adolescência e da jovem-adulterez, dando-se importantes mudanças desenvolvimentais até cerca dos 30 anos (Costa & McCrae, 1976, 1977, 1978 & Shaie, 1983, cit. por Lima, 1999; McCrae & Costa, 1992, cit. por Lima, 2006). Porém, outras investigações, apesar de irem ao encontro destes resultados, sublinham algumas alterações em certas dimensões. Especialmente após os 60 anos, parecem surgir alguns sentimentos de perda de controlo, facto que pode ser traduzido pela passagem de uma atitude antes activa para uma outra mais passiva (Neugarten, 1964, cit. por Fontaine, 2000).

A estabilidade que surge como resultado destes estudos, não significa que a personalidade permaneça estática no decurso da vida do indivíduo. Têm sido consideradas características individuais relativamente estáveis ao longo do desenvolvimento, podendo sofrer algumas variações consoante o tempo e os contextos. Pode-se assim concluir que certos comportamentos podem mudar, mas o funcionamento do indivíduo, a sua personalidade, mantém-se inalterada apesar dos factores ambientais (Michel & Purper-Ouakil, 2006; Fontaine, 2000). Através dos estudos anteriormente citados, podemos reter a ideia de

continuidade, o que confere à personalidade a ideia de um processo em desenvolvimento, algo evolutivo que engloba todo o ciclo de vida.

A teoria da continuidade foi, principalmente, desenvolvida por Neugarten (1964; 1968, cit. por Simões, 1999; Lima; 1999; Michel & Purper-Ouakil, 2006) a partir dos *Kansas City Studies of Adult Life* que decorreram entre 1952 e 1962, tendo sido retiradas sete conclusões principais, das quais iremos apenas mencionar as que se relacionam com a presente investigação. Com a idade, os indivíduos revelam tendência para a interioridade ou para a introversão. Mais ainda, segundo Jung (cit. por Simões, 1999), a partir da meia-idade, os homens seriam percebidos como mais emotivos e afiliativos, ao passo que as mulheres se revelariam mais agressivas e egocêntricas.

Relativamente ao funcionamento do indivíduo, a sua coerência interna vai construir um ambiente que lhe corresponda, o que significa que este ambiente se tornará, conseqüentemente, um factor externo que dará continuidade a um determinado estilo de vida. O tipo de personalidade estabelecido na vida adulta, será um bom preditivo do estilo de funcionamento do sujeito no confronto com a velhice, desde que não ocorram acontecimentos susceptíveis de perturbar o tipo de funcionamento que existia (*e.g.*: guerra, acontecimentos de carácter traumático, entre outros). Costa e McCrae (1992, cit. por Simões, 1999; Caspi, Roberts & Shiner, 2005), apesar de defensores do carácter estável da personalidade, têm a capacidade de considerar a possibilidade de existir continuidade e mudança entre a fase da adolescência e idade adulta e, mesmo em idades mais avançadas, podem ocorrer certas mudanças que possam ter interferência na personalidade (desordens psiquiátricas, factores catastróficos de stress, demências, entre outras).

O envelhecimento apenas acentua certos aspectos que já eram proeminentes na personalidade do indivíduo, sendo que a personalidade, apesar de estável, está em constante evolução, integrando os acontecimentos com que o sujeito se vai deparando ao longo da vida. Lima (1999) introduz uma nova questão, na medida em que faz uso de investigações levadas a cabo por Schulz e Ewen (1988) que se referem à modificação de alguns traços disposicionais com o avançar da idade. Deste modo, considera-se que o *locus* de controlo, a actividade, a rigidez, a cautela e a dependência/independência parecem sofrer modificações.

De forma muito sucinta, no que diz respeito ao *locus* de controlo, pode-se afirmar que os sujeitos de meia-idade e os idosos são mais externos do que os jovens-adultos, nomeadamente no que diz respeito à sua saúde, área que não controlam muito eficazmente, acrescentando-se ainda que os idosos se auto-percebem como dependentes e com pouco controlo. Outros resultados podem ir contra o estereótipo de que o idoso é menos activo, apontando para uma estabilidade nos níveis de actividade, sendo esta componente

influenciada por factores físicos, sociais e culturais. A rigidez apresenta-se como outra crença, na medida em que não basta envelhecer para se ser mais rígido, existindo factores como o efeito de *coorte*, o tipo de rigidez em questão e a relação entre rigidez e a inteligência. Os resultados dos estudos relacionados com a cautela demonstram ser confusos e pouco sólidos, não se podendo retirar a este propósito grandes conclusões.

Outros estudos dedicaram-se à construção de tipologias de personalidade na terceira idade, propondo, nesse sentido, o estudo de Reichard et al. (1962, cit. por Lima, 1999) cinco tipos de personalidade a partir de uma amostra com 86 indivíduos e com idades compreendidas entre os 55 e os 84 anos. Verificam-se personalidades consideradas bem adaptadas como é exemplo a “madura”; a “cadeira de baloiço” e as “blindadas”, sendo estas de tipo mais rígido, recorrendo frequentemente a mecanismos de defesa para promover a sua adaptação. Os restantes tipos de personalidade, “o descontente” e o “auto-fóbico” são de tipo mal adaptado, caracterizando-se pela agressividade e depressão.

Por outro lado, na perspectiva de Staudinger e Kunzmann (2005, cit. por Lima & Albuquerque, 2006), existem dois tipos de desenvolvimento na idade adulta: a maturidade ou crescimento e a adaptação. Assim, a diminuição do neuroticismo e o aumento da amabilidade e da conscienciosidade com a idade (McCrae et al., 2000, cit. por Lima & Albuquerque, 2006) são considerados como um desenvolvimento, na medida em que ficam menos instáveis, logo mais disponíveis para as exigências sociais, representando desta forma uma adaptação da personalidade.

Importa ainda, neste contexto, referir os estudos de Roberts e colaboradores (2006, cit. por Lima & Albuquerque, 2006), cujos resultados apontam para mudanças significativas na meia-idade e na velhice, decrescendo ao nível de quatro das seis facetas da Amabilidade.

Segundo Simões (1999, p.4) importa compreender de que modo a mudança e a estabilidade se processam. Sabendo que a personalidade do sujeito adulto é “uma organização complexa de traços, hábitos e maneiras de interagir” e, como tal, todo o sistema estruturado resiste à mudança, alega-se que uma alteração numa das partes implica modificações noutras. Em suma, continuidade e mudança são duas realidades presentes na personalidade de um indivíduo. Apesar de, consoante as abordagens, se enaltecer com maior relevo uma outra, Lima (1997) avança com a proposta de um modelo mais abrangente de forma a conciliar ambas as orientações e que seja capaz de considerar a flexibilidade da personalidade.

A personalidade sofre alterações a nível intra e interindividual, podendo diferenciar-se entre géneros.

1.4) Personalidade e Género

No quadro da teoria psicanalítica, o Eu forma-se a partir do desenvolvimento da sexualidade durante a infância e puberdade. Para Freud (1923/62, cit. por Amâncio, 1994), na puberdade, as diferenças entre o carácter masculino e feminino são já nítidas, tendo influência na idade adulta. O que difere então no carácter de cada sujeito, feminino ou masculino, resulta da forma como cada um soluciona o complexo de Édipo, uma vez englobando o desenvolvimento da sexualidade e a repressão exercida pela sociedade. O resultado da análise da vida psíquica e da sexualidade revela-se para os homens, um terreno bastante confortável, uma vez que o sexo masculino passa a ser “o modelo de observação por excelência e de definição de certos conceitos, como o da libido” (Amâncio, 1994, p.20). Ao passo que o sexo feminino corresponde a um Supereu fraco e com sentimentos de inferioridade relativamente ao sexo oposto.

Uma abordagem que resultou do estudo das diferenças de género na personalidade baseia-se numa aplicação dos princípios da abordagem evolutiva ao campo da psicologia. O seu princípio assenta no pressuposto de que as diferenças que emergem do encontro entre a personalidade e o género têm origem nas diferentes pressões do processo de selecção natural pelo qual cada indivíduo se foi deparando ao longo da sua história (Archer, 1996, 2001b, 2001c; Buss, 1996, 1999, cit. por Botelho, 2006). Depreende-se, desta forma, que os atributos característicos da mulher, como a sua faceta mais afectiva e emotiva, foram seleccionados pelo seu papel enquanto mãe. Ao homem, por sua vez, ter-lhe-iam sido destacadas especificidades como a agressividade e competitividade devido ao papel que desempenha na protecção e defesa.

No âmbito da sociologia, a teoria de Parsons (1956ab, cit. por Amâncio, 1994) levanta a questão dos estereótipos sociais, observando a influência da família para a socialização dos papéis sexuais e a conseqüente necessidade de diferenciação dos perfis de personalidade. A mesma conclui que a manutenção do equilíbrio no seio da estrutura familiar depende da distinção de papéis sexuais, os quais, conquanto possam ser complementares para o bom funcionamento da família, demonstram ser assimétricos.

Remetendo agora para uma outra abordagem empírica, abarcada por Feingold (1994, cit. por Botelho, 2006) e que utilizou o Modelo dos Cinco Factores da Personalidade, verificou-se a existência de diferenças nas facetas correspondentes a Sentimental (A6), Assertividade (E3), Confiança (A1), Ansiedade (N1) e Gregariedade (E2). Neste estudo, os indivíduos do sexo feminino demonstraram ser mais sentimentais, menos assertivos, mais confiáveis e ansiosos e, superficialmente, menos gregários em comparação com os homens. Este autor argumenta estes resultados à luz de uma perspectiva evolutiva, afirmando que o

sexo masculino parece ser mais estável emocionalmente, logo, menos ansioso, na medida em que em termos do processo de selecção os homens recorreram frequentemente à agressividade, promovendo uma postura de exteriorização, ao passo que as mulheres foram obrigadas a interiorizar a ansiedade e o medo, uma vez que a exteriorização da agressividade não foi tão facilitada.

Numa investigação, levada a cabo por Costa e McCrae relativamente ao NEO-PI-R, constatou-se que tanto os homens como as mulheres se encontram relacionados com o factor Extroversão (E). Todavia, é premente salientar que a masculinidade está relacionada a domínios mais activos e dominantes e que a feminilidade encontra o seu lugar nas facetas afiliativas, emocionais e vinculativas (Botelho, 2006).

Referindo, ainda, o modelo da androginia de Bem (1974, cit. por Amâncio, 1994), cuja principal hipótese se centrava no facto de que indivíduos com personalidades andróginas, isto é, com características psicológicas femininas e masculinas, teriam um maior nível de auto-estima, pois seriam capazes de se envolver em mais situações, em comparação com os que apenas se identificaram com o padrão comportamental adequado ao seu sexo.

Porter (2000, cit. por Rabasquinho & Pereira, 2007) ao correlacionar a variável género com as estratégias de *coping*, deparou-se com diferenças ao nível da relação com os factores *stressantes*, sendo que as mulheres procuravam mais o suporte social e catarse, enquanto que os homens enfrentavam os problemas no sentido de os solucionar.

De seguida, apresentaremos teoricamente a temática da conjugalidade, a segunda variável em estudo na presente investigação.

1.5) A Conjugalidade: A formação do casal – porquê casar?

A temática das relações amorosas atravessa fronteiras temporais e geográficas, num período de grandes transformações sociais em que se assiste cada vez mais à realidade do divórcio, existindo, no entanto, ainda um elevado interesse pela natureza das relações e pelas razões que levam as pessoas a unirem-se, e assim permanecerem ao longo da sua vida.

Porque decidem as pessoas casar? Há autores que, claramente, nos dizem que a razão pela qual as pessoas casam é “porque estão apaixonadas” (Skinner & Clesse, 1990, cit. por Relvas, 1996). Apesar de parecer irreal, as respostas das pessoas e as investigações acerca da temática apontam nesse sentido. A grande polémica centra-se no que é afinal “estar apaixonado”. Salienta-se o facto de que após os casamentos deixarem de ser combinados pelas famílias devido a razões de vária ordem, o amor é apontado, consensualmente, como a principal causa para o casamento. Nas palavras de Ana Paula Relvas (1996, p.39), “o começo do amor tende a ser repentino e altamente excitante, as pessoas envolvem-se emocionalmente e de tal forma que são dominadas por um turbilhão de sentimentos e, inevitavelmente, este estado é de curta duração”.

Vários autores têm apontado como componentes essenciais do amor, a paixão, a intimidade e o compromisso (Sternberg & Barnes, 1988, cit. por Relvas & Alarcão, 2007).

A relação amorosa entre um homem e uma mulher, com o intuito de constituírem um lar, tem início segundo Erikson (1959 cit. por Barros de Oliveira, 2010) no estágio definido como de intimidade *versus* isolamento, sendo que começa com um amor romântico, tendo características como a preocupação com a pessoa amada, bem como o desejo de estar na sua presença; idealização e sobrevalorização do outro; fantasias acerca do amado, nas quais ele satisfaz as necessidades e conduz a uma existência ideal; vulnerabilidade narcisística e, ainda, comportamentos de vigilância com o objectivo de não perder o amado.

Podem existir outras classes de amor, mais ou menos verdadeiros ou apaixonados, duradouros ou efémeros, mas o amor conjugal apresenta uma especificidade própria (Barros de Oliveira, 2010). Este tipo de amor tão particular, parece ter como principais características as que se definem por: 1) compromisso futuro que implica uma intencionalidade, uma vontade de continuarem juntos e mutuamente felizes; 2) necessidade de criação contínua que passa não apenas pelos filhos mas pelos problemas quotidianos de habitação, trabalho, entre outros; 3) aceitação de uma transcendência que pode não ser religiosa mas aceita o sacrifício de si para renascer no outro; 4) co-responsabilidade em todas as dimensões, pressupondo igualdade e colaboração (Barros de Oliveira, 2010, p. 25).

O amor é uma emoção essencial e, como tal, é impossível controlá-lo, sabendo nós que o encantamento inicial pode chegar a um inevitável fim. Ainda assim, conscientes na

maioria das vezes deste facto, as pessoas parecem casar-se, em primeiro lugar, porque estão apaixonadas. Como se pode explicar, então, que um casamento possa durar, possa ser conservado? O imenso número de divórcios é um facto, observando-se, no entanto, também um grande número de casamentos que se mantêm. Acredita-se que no decorrer da vida em comum, o casal se aperceba de que *só* o amor não chega para fazer face a todas as exigências que se vão colocando. Outras condições, como o respeito em relação ao outro e a si mesmo, bem como a autonomia mútua, parecem ser fundamentais para a manutenção e evolução da relação de amor. Apesar de tudo o que tem sido afirmado até aqui, apercebemo-nos de que afinal não é verdadeiramente o amor a razão preponderante pela qual as pessoas se casam.

Alguns autores falam de as pessoas *acreditarem* casar-se por amor, mas na verdade fazem-no por questões inconscientes de sexo, apoio e aprovação. Pode existir uma necessidade de compensar um sentimento de vazio ou de falta, ou como meio de se “libertarem” da família de origem. Fala-se, ainda, de duas outras razões referidas por Bornstein (cit. por Relvas, 1996, p.41): “1) as pessoas casam-se porque buscam companhia, porque a segurança relacional e a convivência são uma necessidade do ser humano (motivos inconscientes ligados a factores psicológicos) e, 2) porque se criam expectativas prévias que importa satisfazer (influência sócio-cultural).

O casamento é, ainda, encarado na sociedade ocidental como factor de estabilidade e enriquecimento individual, na medida em que este mantém um grau de prestígio que apesar da evolução social implica uma imagem de competência pessoal e normalidade. Nock (1982, cit. por Relvas, 1996, p. 41) afirmou que “o homem ou mulher atractivos e sem deficiências pessoais evidentes que não *conseguem* casar convertem-se num ‘puzzle’ indecifrável para os outros, sendo sujeitos a constantes perguntas ou insinuações sobre os motivos pelos quais não casam”. Esta visão redutora pode conduzir os sujeitos a casar devido à pressão social que possa existir num contexto onde se situam.

Neste contexto, Neto (2000, p.313) faz também referência ao amor apaixonado e amor companheiro. Nas culturas ocidentais, o amor romântico ou apaixonado foi emergindo ao longo da história como o pilar essencial do casamento. Sendo que a experiência deste tipo de amor envolve “forte activação fisiológica, idealização do parceiro e atracção sexual apaixonada”. Porém, o amor apaixonado nem sempre está subjacente ao casamento, na medida em que, actualmente noutras civilizações, e, em tempos mais longínquos na nossa sociedade, o casamento era muitas vezes combinado entre famílias ou utilizado como forma de troca (Lévi-Strauss, 1958, cit. por Neto, 2000).

Numa relação a longo termo, o amor apaixonado poderá ser demasiado entediante. Partindo do princípio que um casamento é bem sucedido, este amor mais romântico tenderá a evoluir para uma forma mais estável e menos intensa.

O amor companheiro, por sua vez, foi definido por Berscheid e Walster (1978, cit. por Neto, 2000, p. 314) como “a afeição que sentimos por aquelas pessoas com quem as nossas vidas estão profundamente entrelaçadas”. A emoção subjacente a este tipo de amor é mais moderada, sendo a afeição e o valor mais comuns do que as paixões extremas.

Encontrar uma definição simples e adequada de casal é tarefa praticamente impossível, devido à sua complexidade (Relvas, 1996). No entanto, podemos referir-nos à união conjugal como “um processo que envolve duas pessoas, procurando o equilíbrio entre proximidade e distância; entre desejo de pertença e de autonomia, equilíbrio esse que exige uma permanente adaptação e mudança face ao outro” (Whitaker, 1989, cit. por Relvas & Alarcão, 2007, p.198). A relação de casal pode tomar múltiplas formas, mantendo-se, ainda assim, reconhecível. A estrutura do casal, na maior parte das culturas, incluindo a nossa, é multiforme, o que dificulta também a sua definição. Normalmente, tende-se a associar o par conjugal ao casamento, mas a sua concepção estende-se a qualquer tipo de união, integrando as ligações homossexuais.

O casal surge quando dois indivíduos se comprometem a iniciar uma relação que pretendem que perdure ao longo do tempo (Relvas, 1996). O par conjugal pode ser encarado como uma entidade, não sendo obrigatório reduzi-lo ao carácter de díade, mas sim aceitá-lo como um processo complexo. Gullota (1993) e Satir (1980) (*in* Relvas & Alarcão, 2007, p.197) ainda que apoiados numa perspectiva sistémica, referem-se ao casal afirmando que “em qualquer casal existem três partes (eu, tu e nós), que se possibilitam e facilitam mutuamente”, na medida em que cada um dos elementos leva consigo uma história e experiência únicas.

Anália Torres (1996; 2002) a partir das suas investigações sociológicas sobre o casamento e divórcio em Portugal, conseguiu identificar três formas principais de conjugalidade – *institucional*, *fusional* e *associativa* – correspondendo a cada uma certas características que descreveremos seguidamente.

A forma de conjugalidade *institucional*, como a própria denominação indica, está associada a uma visão do casamento como instituição e que importa preservar acima de tudo. São impostos ao indivíduo o cumprimento de papéis, responsabilidades e deveres, salientando-se uma maior focalização na relação parental do que conjugal e observando-se claramente uma divisão e assimetria nos papéis sexuais, assumindo a mulher o papel expressivo, ao passo que o homem adquire o instrumental.

A forma de conjugalidade *fusional* parece estar associada a uma visão mais romântica, sendo que os cônjuges parecem casar porque gostam um do outro e assumem a responsabilidade de construir um projecto a dois, sobrepondo-se a relação de nós-casal ao “eu”. Neste caso, a diferenciação de papéis não é tão rígida, mas continua a observar-se assimetria entre os sexos.

No que diz respeito à conjugalidade *associativa*, também existe um carácter romântico, remetendo para a “associação” de dois indivíduos autónomos com o intuito de alcançarem um bem-estar conjugal e familiar, não sacrificando os projectos pessoais. Neste contexto, parece existir uma certa indiferenciação no desempenho dos papéis entre ambos os sexos (Torres, 1996; 2002).

A formação do casal impõe algumas mudanças nos sujeitos, na medida em que implica alguma perda de individualidade, mas, por outro lado, implica igualmente ganhos ao nível da pertença e complementaridade. Minuchin (1981, cit. por Relvas, 1996), acerca da transição do indivíduo para o casal, chama a atenção para o carácter de negociação e estabelecimento de regras existente entre ambos. O estabelecimento destas normas pode ser, ou não, formal, bem como mais ou menos consciente para com os intervenientes. Deve haver uma articulação entre o que foi herdado das famílias e o que corresponde aos valores e expectativas de cada um. O casamento é criador de novas realidades, sendo através dele os actores confrontados com o desempenho de novos papéis que geram novas identidades. Surge uma nova realidade, na medida em que ser cônjuge implica o construir de uma nova história e de uma memória colectiva que ficarão inscritas para sempre na individualidade de cada um dos membros do casal (Torres, 2002).

Aceitar a complexidade da história de cada um e o que cada indivíduo traz para o seio do casal, implica uma enorme gestão das pressões internas e externas, bem como a capacidade de ser flexível, nomeadamente no que remete para a comunicação. Com uma gestão adequada da comunicação, os elementos do casal poderão definir o espaço de cada um, bem como o espaço do par conjugal em relação aos outros (Relvas, 1996).

A relação sofre diversas mudanças ao longo do seu ciclo, o funcionamento do mesmo vê-se confrontado com várias etapas, por vezes, difíceis de ultrapassar.

1.6) O reencontro do casal

Os primeiros anos de duração do casamento são quase sempre rodeados de acontecimentos novos, preocupações, adaptações, tendendo a centrar-se mais em termos do colectivo familiar, uma vez que coincide com o nascimento dos filhos. Esta fase inicial do casamento (principalmente os primeiros dez anos), é decisiva, já que “se confrontam

expectativas e realidades, processam-se adaptações e reformulações identitárias, desenvolvem-se ou adiam-se projectos” (Torres, 2002, p.113).

Após vinte anos de casamento, grande parte do ciclo de vida conjugal está cumprido, na medida em que os filhos ou já saíram de casa ou se encontram num processo de autonomização, estando a relação conjugal estabilizada, mesmo que surjam conflitos e insatisfação. Mesmo quando um casal se mantém em união por longo tempo, não significa, necessariamente, que este tenha um bom relacionamento, em que Kaslow e Hammerschmidt (1992, cit. por Henry, Berg, Smith & Florsheim, 2007) fazem uma distinção entre satisfação e estabilidade conjugal.

Mas, com a ausência dos filhos, os pais tentam “restaurar” a sua relação enquanto casal, já que dedicaram os anos anteriores a cuidar dos filhos e a negligenciar na maioria dos casos as suas relações íntimas, uma vez que, a braços com tantas tarefas, quase foram obrigados a esquecer que existiam. O casal, agora sozinho em casa, frente a frente, pode, efectivamente, ter alguma dificuldade em se reconhecer após tantas mudanças. Segundo Relvas (1996), o casal, nesta fase, parece atravessar um período de depressão, confrontado com um sentimento de vazio e abandono e, por vezes, ainda de inutilidade e estranheza. Culturalmente, estes sentimentos parecem ser vivenciados mais pela mãe do que pelo pai, na medida em que as tarefas e obrigações educativas estavam mais atribuídas à mulher. Importa realçar que o casal se encontra na meia-idade, faixa etária também associada a mudanças físicas, psicológicas e sociais, como a reforma, o que pode constituir mais uma série de factores a que têm que se adaptar.

Apesar desta perspectiva mais depressiva, existem casos em que a saída dos filhos de casa é sinónimo de libertação, podendo expressar-se na concretização de projectos adiados anteriormente ou na dedicação ao casal, antes descuidada mas ainda assim aguardada. Dificuldades parecem existir após imediata autonomização dos filhos, parecendo aumentar contudo, com o passar do tempo, os níveis de satisfação conjugal, mesmo em termos de relacionamento sexual (Anderson, Russell, & Schumm, 1983; Glenn, 1990, 1995, cit. por Henry, et al., 2007). Conhecemos o que ocorre nos primeiros vinte anos de relacionamento, mas após a chegada da velhice, como será a relação do casal?

1.7) A vivência do casal idoso

Como se tem vindo a demonstrar até ao momento, podem observar-se diversos movimentos relacionais ao longo de uma relação conjugal. Assim, importa abordar ainda o tipo de relação estabelecido entre os elementos que constituem o casal idoso. São relatados factores tão importantes como os relacionados com a dependência, a fusionalidade, a

simbiose, e até as pareanças físicas que por vezes revelam. É bastante frequente ouvir-se que após tantos anos de convivência em comum, os elementos do casal chegam a ficar fisicamente parecidos (Relvas, 1996).

Devemos ter em consideração que os casais agora idosos pertencem a uma geração em que os casamentos ainda eram muitas vezes combinados pelas famílias, sendo que, habitualmente, ambos estavam ligados ao mesmo estatuto económico-social, sendo o aspecto afectivo muitas vezes irrelevante para o casamento. Por sua vez, a sexualidade no seio do casamento era de cariz unicamente reprodutor. O amor poderia surgir na convivência do casal, mas na sua ausência ambos se iam habituando a viver juntos. O divórcio raramente era uma hipótese a ponderar, pelo carácter de desaprovação social emergente.

Estudos desenvolvidos no âmbito dos relacionamentos entre idosos revelam que as interacções entre estes são caracterizadas como sendo pouco negativas, demonstrando elevada expressão emocional e companheirismo (Ekerdt & Vinick, 1991; Hatch & Bulcroft, 2004, cit. por Shiota & Levenson, 2007; Carstensen, Gottman & Levenson, 1995, cit. por Henry et. al, 2007). Parecem envolver-se menos em conflitos e, quando estes ocorrem, parecem ser mais carinhosos na resolução dos mesmos, demonstrando também mais potencial para se dedicar a actividades prazerosas, em comparação com casais de meia-idade (Levenson, Carstensen & Gottman, 1995, cit. por Henry et. al, 2007; Shiota & Levenson, 2007). Os idosos parecem demonstrar maior estabilidade de humor e maior controlo a nível emocional (Henry et. al, 2007).

Não devemos esquecer, neste contexto, que se trata de casais idosos, o que acrescenta a realidade de doença, muitas vezes existente.

Em qualquer idade, o aparecimento de uma doença crónica pode ser problemático, no entanto a ocorrência de uma doença crónica na velhice reforça as imagens negativas da mesma (como ser doente, dependente, deprimido, inútil e traz a ideia de morte), e introduz profundas mudanças no seu desenvolvimento, como perda ou redução da capacidade e vontade do desempenho profissional; alteração do papel de cuidador para o receptor de cuidados; alteração do desempenho sexual, o que afecta a intimidade e relacionamento do casal (Stukin, 1984 & Rustad, 1984, cit. por Chiquelho, Eusébio & Sousa, 2007).

A morte é, também uma realidade, principalmente com o passar dos anos. Segundo Fontaine (2000, p.179), referindo-se ao luto na terceira idade, revela que este é um processo complexo “não desprovido de sentimentos paradoxais; a morte do cônjuge, de forma particular, pode despertar rancor, tristeza, depressão e outras atitudes negativas, mas pode também significar uma certa libertação e paz”. O luto mais frequente nos idosos é o crónico, cuja duração se estende para além de meio ano. Mais comumente retrata-se o luto na velhice

devido à viuvez, sendo sentido como um drama mais para os homens do que para as mulheres. Embora as viúvas sejam mais numerosas, logo conhece-se mais acerca do seu comportamento, têm-se observado que os homens chegam a praticar o suicídio logo no primeiro ano de viuvez (Walsh, 1989, cit. por Barros de Oliveira, 2008). Ao passo que outros optam por casar novamente.

Perante todas as mudanças que descrevemos, que envolvem diversos factores, importa compreender o que significa satisfação conjugal.

1.8) Satisfação Conjugal

O casamento vai sofrendo transformações ao longo do ciclo de vida familiar, bem como o nível de satisfação, que se vai modificando no decorrer dos anos de vivência em comum (Gottman & Krokoff, 1989; Olson, 1988; Rollins & Cannon, 1974; Rollins & Feldman, 1970; Weigel & Ballard-Reisch, 1999, cit. por Henry et. al, 2007).

Segundo Narciso (2001; 2002), a qualidade e a satisfação conjugal são influenciadas por factores relacionais centrípetos e factores centrífugos, salientando que o factor tempo ou percurso de vida conjugal são outros factores subjacentes aos anteriores. Os factores centrípetos referem-se a processos relacionais afectivos, operativos e cognitivos que incluem a comunicação, o conflito, resolução de conflitos e controlo relacional a um nível comportamental. Relativamente à componente afectiva salienta-se o amor, a intimidade e o compromisso. Por sua vez, os processos cognitivos envolvem cinco classes de cognições fundamentais para a qualidade e satisfação conjugal – pressupostos e padrões, percepções, atribuições e expectativas. Por último, surge a resiliência que envolve o desenvolvimento da capacidade para se lidar construtivamente com as adversidades da vida quotidiana.

Os factores centrífugos, mais periféricos relativamente ao casal, mas, ainda assim, fortemente influentes, dizem respeito, por um lado, às relações com contextos distais, tal como a família de origem, o trabalho e a rede social, e, por outro lado, a características individuais como, por exemplo, características da personalidade, padrões de vinculação, competências sócio-afectivas e aspectos demográficos. O factor tempo ou percurso de vida está relacionado com o tempo de duração da relação, remetendo também para as etapas normativas e situações não normativas que o casal atravessa ao longo do ciclo de vida.

A temporalidade é um conceito multidimensional que engloba vários aspectos que podem influenciar muito a satisfação conjugal. A avaliação de todos estes factores permite, segundo Narciso (2001, cit. por Silva, 2008), atingir a compreensão do que corresponde à satisfação conjugal global.

1.9) Casamentos de Longa-Duração

Sendo o foco da nossa investigação as relações conjugais de longa duração, parece premente reflectir acerca de qual o tempo necessário para se considerar a longevidade de uma relação. Neste campo, os autores são de opiniões bastante heterogéneas, considerando-se até há muito pouco tempo que um casamento de longa duração devia ter pelo menos 20 anos (Caspi, Ozer & Herbener, 1992). Outros referem que a partir de 10 anos já se pode considerar que uma relação é de longo termo. No entanto, à medida que a esperança de vida aumenta, o indicador também cresce, sendo apenas considerados casais entre os 25 e os 49 anos de relação em comum (Kaslow & Robison, 1996; Kaslow & Hammerschmidt, 1992; Levenson, Carstensen & Gottman, 1993; Sharlin, 1996, cit. por Bachand & Caron, 2001), colocando outros como limiar apenas mais do que 50 anos (Shiota & Levenson, 2007).

Kaslow e Hammerschmidt (1992, cit. por Kaslow & Robison, 1996) conduziram um estudo piloto, entre 1990 e 1991, com o intuito de compreender qual o segredo do sucesso das relações maritais de longo termo entre 25 e 46 anos. Os resultados foram bastante concretos e apontaram uma lista de 8 características, entre as quais destacamos o amor, respeito mútuo, confiança, flexibilidade e um sistema de valores e de interesses em comum. Estudos anteriores, sendo os pioneiros nesta temática Cuber and Haroff (1965, cit. por Bachand & Caron, 2001), reflectem, ainda, a importância de uma boa comunicação, boas capacidades de resolução de problemas e boa gestão das relações de poder, bem como atracção entre os membros do casal.

Fazendo referência a outro tipo de estudos que envolveram o perdão, foi analisado entre os cônjuges e no seio da família, concluindo-se que só o perdão mútuo a pode fazer perdurável e feliz (Fincham et al., 2002, cit. por Barros de Oliveira, 2010).

Salienta-se, ainda, a importância do papel da complementaridade no sucesso das relações, na medida em que os indivíduos são dotados de características distintas e, cada parceiro complementa o outro (Kaslow & Robison, 1996).

1.10) A semelhança de personalidades e a complementaridade

Regressando à temática da personalidade, diversas investigações têm sido realizadas com o propósito de compreender qual a influência da personalidade nas relações, mais concretamente a relação entre as cinco grandes dimensões, Neuroticismo, Extroversão, Abertura à Experiência, Agradabilidade e Conscienciosidade, e a satisfação conjugal. Um estudo realizado por Karney e Bradburry (1995, cit. por Gattis, Simpson, Christensen & Berns, 2004; Shiota & Levenson, 2007) teve o intuito de averiguar as características da personalidade dos membros do casal utilizando o Modelo dos Cinco Factores.

Apesar de este modelo, usualmente, não medir traços disfuncionais, os resultados apontam para que certos traços da personalidade possam estar associados a problemas conjugais, nomeadamente o Neuroticismo e a Extroversão, demonstrando ter correlação negativa com o bem-estar conjugal, não estando os dados relativos à Extroversão suficientemente replicados para comprovar tais resultados (Robins, Caspi & Moffitt, 2000; Gattis et al., 2004; Karney & Bradbury, 1995, cit. por Caspi et al., 2005; Shiota & Levenson, 2007). Uma vez que esta dimensão é, usualmente, considerada como uma característica desejável, torna-se difícil compreender a sua associação negativa com o bem-estar das relações. Por outro lado, as restantes dimensões (Agradabilidade, Abertura à Experiência e Conscienciosidade) parecem estar positivamente relacionadas com a satisfação dos casais, sendo considerados traços benéficos (Gattis et al., 2004; Shiota & Levenson, 2007). Estes dados parecem sugerir que quanto mais os parceiros forem socialmente desejáveis, mais estáveis e felizes serão as suas relações.

Mais do que meras crenças, estudos desenvolvidos no âmbito da conjugalidade comprovam que casais que partilham semelhante estatuto socioeconómico, experiência educacional, idade, etnicidade, religião, atributos físicos, inteligência e valores, apresentam elevados níveis de satisfação conjugal e baixa probabilidade de separação ou divórcio (Sprecher & Duck, 1994; Tan & Singh, 1995, cit. por Shiota & Levenson, 2007). Mas, no que diz respeito à semelhança de personalidades, será possível retirar as mesmas ilações? Neste âmbito, alguns estudos revelaram efeitos significativos de que a semelhança de personalidades era preditiva de boas relações. Nomeadamente, Robins, Caspi e Moffit (2000) descobriram que o Neuroticismo estaria associada a elevados níveis de satisfação conjugal.

As investigações, sobre as quais reflectimos anteriormente, foram conduzidas através de casais de namorados ou casais recentemente casados. Deste modo, consideremos agora os estudos de Gattis, Simpson, Christensen e Berns (2004) cuja amostra compreendia casais com uma média de 10 anos de casamento, apesar de não haver distinção entre casamentos recentes e de longo termo. Torna-se premente este tipo de estudo, na medida em que o casamento, como tentámos demonstrar em capítulos precedentes, vai sofrendo alterações de vária ordem ao longo dos anos.

Num estádio inicial de uma relação íntima, os parceiros estão envolvidos em jogos de sedução e tendem a idealizar-se mutuamente, o que poderá corresponder a uma avaliação global muito positiva. No entanto, verifica-se que nenhum dos dois está interessado em reconhecer a verdadeira personalidade do parceiro (Murray, Holmes & Griffin, 1996, cit. por Shiota & Levenson, 2007), uma vez que, no início de uma vida em comum, o sentido de equidade facilita a complexidade deste processo.

No que diz respeito aos casais de meia-idade, o que para muitos corresponde entre 10 a 20 anos de casamento, o foco parece não estar tão virado para a relação a dois, mas antes para o encontro individual e para a partilha de responsabilidades. Nesta fase, a similaridade pode ajudar o casal a encontrar formas compatíveis de realizar tarefas instrumentais, mas vão também perceber que as tarefas que um realiza de forma prazerosa e as que rejeita vão ser as mesmas que o parceiro, o que pode levar a discussões. Em casais mais idosos, verifica-se, voltamos a salientar, a capacidade de demonstrar maior expressão emocional e comportamentos afectuosos e de atitudes de companheirismo (Ekerdt & Vinick, 1991; Hatch & Bulcroft, 2004, cit. por Shiota & Levenson, 2007; Carstensen, Gottman & Levenson, 1995, cit. por Henry et al., 2007).

A semelhança de personalidades, com o avançar dos anos em comum, pode ser facilitadora da sensação de intimidade, agora que passam a maior parte do tempo juntos, mas também pode ser entediante, na medida em que este casal passou toda a sua vida de adulto com aquela pessoa.

Como se pode comprovar através destas investigações, a semelhança de personalidades parece desempenhar um papel fulcral nas relações de jovens casais, promovendo e sendo um apoio na escolha de actividades em conjunto e na conquista de objectivo em comum. Mas, no que diz respeito a casais de meia-idade e de idades mais avançadas, estes resultados são mais difíceis de prever.

Indivíduos apetrechados com maior diversidade em termos de personalidade estão, mais facilmente, em condições de oferecer mais competências, logo a divisão de tarefas e os objectivos a atingir mais dificilmente irão dar origem a discussões (Shiota & Levenson, 2007). A hipótese da complementaridade propõe, em alternativa à hipótese da similaridade, que os parceiros partilhem uma relação conjugal mais satisfatória quando diferem em certos traços de personalidade, ao invés de os mesmos corresponderem de forma equivalente (Gattis, et al., 2004; Shiota & Levenson, 2007).

Como foi exposto até ao momento, podemos concluir que a personalidade de um dos cônjuges tem a capacidade de influenciar a forma como o outro interage ao longo do casamento, dos seus sentimentos em relação ao outro e à relação e pode remeter ainda para as crenças que cada um vai formando relativamente à personalidade do parceiro (Huston & Houts, 1998, cit. por Spotts, Lichtenstein, Pedersen, Neiderhiser, Hansson, Cederblad & Reiss, 2005). E, como refere Simões (1999), os indivíduos, na medida em que tendem a provocar reacções nos outros, buscam ambientes que se ajustem à sua personalidade, ao invés dos que possam exigir mudanças.

Mas não devemos esquecer que o tipo de amor que cada um de nós experiencia, é determinado na relação entre os dois, não sendo uma faceta da personalidade (Neto, 2000).

No entanto, a personalidade, como observámos até ao momento, apresenta grandes implicações na vivência do casal. Assim, o principal objectivo desta investigação consiste em avaliar o perfil de personalidade dos indivíduos com casamentos de longo termo

2- Metodologia

Na medida em que se pretende o estudo exploratório da realidade, não parece premente a formulação de hipóteses que contemplem a operacionalização de variáveis.

2.1) Objectivos Específicos

Com base no objectivo principal, anteriormente enunciado, este estudo pretende ainda, alcançar os seguintes objectivos mais específicos:

1. Comparar o perfil de personalidade da amostra com os valores normativos para a população portuguesa.
2. Comparar o perfil de personalidade em função de variáveis demográficas.
3. Efectuar estudos correlacionais entre variáveis psicológicas e variáveis demográficas. Mais especificamente, iremos verificar qual o tipo de associação entre:
 - 3.1. Perfil de personalidade e anos de casamento;
 - 3.2. Perfil de personalidade e idade;
 - 3.3. Perfil de personalidade e género.

2.2) Material

No contexto da presente investigação, o objectivo geral relacionava-se com a avaliação da personalidade de sujeitos com casamentos de longa duração, escolhendo-se desta forma, o Inventário da Personalidade NEO Revisto (NEO-PI-R) como instrumento de eleição.

Em parceria com este instrumento, foi construído um Questionário de Caracterização da Amostra (cfr. Anexo E), na perspectiva de recolha de dados de carácter demográfico e etiológico. A sua construção teve como base os autores cuja literatura se centrava em torno da conjugalidade (Bachand & Caron, 2001). O mesmo teve o intuito de recolher informações acerca dos participantes e de preencher dados referentes às variáveis clínicas e demográficas dos mesmos, nomeadamente no que diz respeito à relação que partilham ou partilharam com o respectivo cônjuge. Neste instrumento não foram abrangidas as variáveis psicológicas, uma vez que esse factor seria contemplado através do NEO-PI-R.

O Questionário de Caracterização da Amostra é constituído por 23 questões, sendo que 13 foram construídas em formato de pergunta fechada, ao passo que as restantes 10 eram de carácter aberto, dando possibilidade ao participante de responder de forma o mais possível correspondente à sua realidade. Estas questões foram organizadas em dois eixos de

informação, sendo o primeiro correspondente a dados sócio-demográficos e o segundo remete para dados clínicos e familiares, bem como questões relacionados com a vivência do casal.

O Inventário da Personalidade NEO Revisto (NEO-PI-R) é um instrumento que permite medir as cinco principais dimensões da personalidade. Os seus autores, Costa e McCrae, têm realizado desde 1978 um constante e minucioso trabalho de desenvolvimento ao nível deste instrumento. Nesse período do seu surgimento, este era apelidado de “Inventário NEO”, na medida em que só permitia avaliar as dimensões de Neuroticismo, Extroversão e Abertura à Experiência.

Aliado ao Modelo dos Cinco Factores, foram desenvolvidas e adicionadas mais duas escalas que correspondem às dimensões de Amabilidade e Conscienciosidade. O Inventário da Personalidade NEO (NEO-PI) constituído por 181 itens surge então em 1985, sendo que a versão mais actualizada e revista, tal como a conhecemos actualmente, aparece em 1992. Assim, o conhecido Inventário da Personalidade NEO-Revisto (NEO-PI-R) surge com um acréscimo de itens (240 no total) e dotado de validade convergente e discriminante das escalas e facetas (McCrae & Costa, 1992).

O NEO-PI-R é constituído por cinco escalas, sendo que cada uma corresponde aos cinco principais dimensões da Personalidade: Neuroticismo (N), Extroversão (E), Abertura à Experiência (O), Amabilidade (A) e Conscienciosidade (C). Cada um destes domínios é constituído por seis facetas, resultando num total de 30 escalas que integram o NEO-PI-R (cfr. Anexo G). Cada escala apresenta 8 itens, elevando a 240 itens o número total que constitui o Inventário de Personalidade. Os itens representam afirmações, segundo as quais os sujeitos se têm que posicionar. Para este fim, existe uma escala tipo Likert com cinco opções de resposta e com a seguinte configuração: Discordo Fortemente; Discordo; Neutro; Concordo; Concordo Fortemente.

2.3) Participantes

Os participantes foram constituídos a partir de uma amostra de conveniência com 35 adultos e idosos, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 46 e os 88 anos. São heterossexuais, casados, com relações há pelo menos 10 anos e viúvos ou divorciados que, ainda assim, tenham experiência de casamentos de longa duração. Quanto à zona geográfica, alguns dos sujeitos pertencem ao meio urbano (21), residindo no distrito de Lisboa e, outros ao meio rural (14), habitando no concelho de Torres Novas.

Para caracterizar a amostra de forma mais fidedigna, foi realizada uma diferenciação quanto à área de residência, sendo de seguida apresentados os dados.

Quanto à área de residência urbana, sete indivíduos pertencem ao sexo masculino e catorze ao feminino, perfazendo um total de 20 sujeitos caucasianos e 1 de etnia negra. As idades neste grupo variam entre os 46 e os 88 anos, sendo a média igual a 66,95. Quanto às Habilitações Literárias, a maioria concluiu o Ensino Superior (8), apenas um apresenta Doutorado e três não têm qualquer escolaridade, sendo este número superior ao observado no meio rural, contudo o número de sujeitos neste grupo é mais elevado. De referir ainda que a maioria vive em domicílio próprio (15). Quanto à religião, dois afirmam não ter nenhuma, mas os restantes revelam pertencer à Católica, sendo que 19 optaram por casar pela Igreja e dois pelo Civil. A média dos Anos de Casamento é igual a 40,57. Quanto às Actividades de Lazer, 16 referem praticar, ao passo que os restantes cinco afirmam não o fazer.

Por sua vez, a área de residência em meio rural engloba cinco indivíduos do sexo masculino e nove do feminino, de um total de 13 sujeitos caucasianos e 1 de etnia negra. Quanto ao Estado Civil, dez são casados, dois vivem em União de Facto e os restantes dois são viúvos. As idades estão compreendidas entre os 49 e os 77 anos, sendo a média de idades igual a 58, 79. Quanto ao nível de Habilitações Literárias encontra-se entre dois extremos, sendo que cinco apenas realizaram o Ensino Básico e os restantes cinco concluíram o Ensino Superior, em que apenas um não tem quaisquer habilitações. A maioria (12) vive em Domicílio Próprio. A totalidade dos sujeitos afirma ser crente da Religião Católica, tendo casado pela Igreja a maioria (12). A média dos Anos de Casamento é igual a 29, 36 anos. Refira-se, ainda, que todos os sujeitos participam ou participavam em actividades de lazer com os respectivos cônjuges.

Quadro 2.3: Resumo da Caracterização Sócio-Demográfica da Amostra

	Participantes
Género	65,7% Feminino
Idade	<i>M</i> =63,69 (46-88 anos)
Estado Civil	71,4% Casados
Raça	94,3% Caucasianos
Coabitação	77,1% Habitam Domicílio
Habilitações Literárias	37,1% Ensino Superior
Religião	94,3% Católicos
Anos Casamento	<i>M</i> =36,09 (12-65 anos)

2.4) Procedimento

No início de Janeiro iniciou-se o processo de autorização para efeitos de recolha da amostra (cfr. Anexo A, B e C). Findo o processo de formalização das devidas autorizações, procedeu-se à recolha, que decorreu entre Fevereiro e Abril de 2010. A cada participante foi atribuído um Termo de Consentimento Informado (cfr. Anexo D), onde foi, resumidamente, desenvolvido o objectivo do estudo, garantido o anonimato dos participantes e os respectivos agradecimentos. Seguidamente, foi pedida a colaboração no preenchimento de um Questionário de Caracterização da Amostra e, por fim, o Inventário da Personalidade NEO-PI-R. Aos sujeitos iletrados procedeu-se à hetero-administração. Os restantes participantes foram contactados com o intuito de levarem consigo os questionários e, após duas semanas, foi acertado que os devolveriam. Terminado o preenchimento dos questionários, foi-lhes atribuído um determinado código para posterior identificação.

2.5) Delineamento

O presente estudo, é constituído por um método exploratório e um método de amostragem não-casual com recurso a amostragem por conveniência. A amostra é normativa e compõe-se a partir de indivíduos adultos e idosos com casamentos de longa duração. Constitui ainda uma abordagem quantitativa, a partir de técnicas de recolha, apresentação e análise de dados que permitiram a sua quantificação e tratamento através de métodos estatísticos. Apesar de recorrer igualmente a métodos qualitativos, como a análise de conteúdo, de modo a categorizar alguns dados das variáveis clínicas, o desenho de investigação é de tipo descritivo e exploratório, atendendo a uma leitura temporal, retrospectiva e transversal (Ribeiro, 2007).

3 - Resultados

3.1) Análise Descritiva dos Resultados das Variáveis Clínicas

Na fase inicial do capítulo que se segue, em que se propõe a exposição efectiva do que foi recolhido através dos dados da amostra, é nosso objectivo apresentar um conjunto de variáveis clínicas e familiares retiradas do Questionário de Caracterização da Amostra (QCA) e, que não constaram da Caracterização Sócio-Demográfica da Amostra.

Como referido anteriormente, no QCA foram elaboradas algumas questões abertas, nomeadamente três: “Na sua opinião, por que acha que está ou esteve casado(a) tantos anos?”, “Devem ter encontrado algumas dificuldades ao longo do tempo, em que momentos as sentiram?” e “ Quando as encontraram, o que fizeram para resolver a situação?”. Assim, no sentido de lhes atribuir significado, recorreremos ao método qualitativo de codificação de dados, a análise de conteúdo (cfr. Anexo H). De seguida serão apresentados os resultados com que nos deparámos.

Após a minuciosa tarefa de agrupar a informação em categorias e unidades de registo, é necessário analisar agora o conteúdo que daqui resultou. Vejamos então, quais as razões, apresentadas pelos nossos sujeitos para justificarem a longevidade das suas relações conjugais. De entre as unidades de registo que surgiram, a maioria dos indivíduos (57%) expressou o sentimento de amor como sendo a razão principal para estarem casados após tantos anos. Sendo que os registos mais pronunciados foram “Continuamos a amar-nos muito” e “O amor que sentimos é muito forte”. De seguida, surge o respeito e a rotina com a mesma percentagem (14%). O factor respeito surge associado à compreensão das diferenças individuais e respeito mútuo. A rotina parece surgir em comunhão com razões como o acomodamento e o hábito, sendo que um indivíduo referiu que “a separação, por vezes, pode ser mais difícil”.

O bom-entendimento enquanto justificação da longevidade do casamento aparece também com alguma relevância (11%), em que os sujeitos parecem dar importância ao facto de sempre se terem dado bem. Com a mesma percentagem (5%) surgiram o diálogo, os filhos, o apoio e companheirismo. A questão dos filhos que apesar de nesta população serem já todos adultos, demonstram ter influenciado a decisão dos pais em continuarem juntos até ao momento presente. Embora sejam campos muito distantes foram apresentados com o mesmo grau de importância. Os factores menos referidos foram o perdão e a tolerância, no entanto são igualmente relevantes, não devendo ser descurados.

Quanto à segunda questão, que se relacionava com as dificuldades que os indivíduos se haviam deparado ao longo das suas vidas em comum, a principal razão parece ter sido,

maioritariamente, a vida profissional (28%). Os filhos, bem como as questões financeiras surgem como igualmente relevantes (20%) como dificuldades encontradas pela nossa amostra para sobreviver ao fenómeno do casamento. A saúde, relacionada com o aparecimento de doenças (8%), é também referida como uma problemática difícil de ultrapassar. Por fim, surge a falta de respeito (5%), percebida por uma minoria, como a maior dificuldade com a qual se depararam na vida conjugal.

Perante estas dificuldades enunciadas, foi nosso propósito verificar, ainda, de que forma os indivíduos tentam solucioná-las. Assim, o diálogo demonstra ser a melhor estratégia encontrada pelos participantes (37%). Surgindo a poupança e a ruptura equiparadas (11%). O carinho é relevante para 5% dos indivíduos sendo utilizado para fazer frente às dificuldades, na sua maioria externas, surgidas no dia-a-dia e que foram condicionando a relação conjugal. Outros 5% dos sujeitos que se cingiram às dificuldades financeiras, parecem ter solucionado este problema voltando a viver em casa dos pais. Por fim, o perdão é também um caminho para 5%.

Outra questão prendia-se com o ideal de Felicidade, na medida em que nos pareceu premente tentar compreender se os mesmos consideram o seu casamento feliz ou satisfatório. Dos resultados obtidos, a maioria dos participantes (27) considera-se feliz com a sua relação conjugal, no entanto houve seis indivíduos que apenas acreditavam ser felizes por vezes. Devemos salientar, ainda, que dois não estavam satisfeitos com as suas relações, afirmando não ser felizes.

3.2) Comparação do Perfil de Personalidade da Amostra com os Valores Normativos para a População Portuguesa.

Após a análise dos dados, que refinámos através do método qualitativo, passaremos de seguida à apresentação detalhada dos factores de personalidade. Esta far-se-á em comparação com a média populacional e, de acordo com as diferenças significativas encontradas nas facetas de cada domínio. No quadro exposto podemos observar as escalas da personalidade em que se verificou o pressuposto da normalidade, sendo, deste modo, utilizado o teste paramétrico de *t*-student, com um nível de significância de 0.05.

Quadro 3.2: Caracterização do Perfil Factorial de Personalidade da Amostra (N=35)

ESCALAS	VALOR NORMATIVO	MÉDIA AMOSTRA	DESVIO PADRÃO AMOSTRA	T
N – Neuroticismo	77,8	86,51	18,441	2,796
N1 – Ansiedade	19,1	18,23	4,426	-1,165
N2 – Hostilidade	14,5	13,54	3,807	-1,488
N3 – Depressão	16,1	14,74	5,095	-1,576
N4 - Auto-consciência	16,2	15,31	3,795	-1,381
N5 – Impulsividade	15,9	14,17	4,335	-2,359
N6 – Vulnerabilidade	12,9	11,80	4,093	-1,590
E – Extroversão	109,2	99,57	14,355	-3,968
E1 – Caloroso	21,7	20,89	3,297	-1,461
E2 – Gregariedade	16,5	14,94	4,359	-2,114
E3 – Assertividade	13,9	14,40	3,829	0,773
E4 – Actividade	17,0	16,11	3,411	-1,536
O - Abertura à Experiência	108,1	103,57	13,952	-1,920
O1 – Fantasia	17,0	15,86	3,414	-1,980
O2 – Estética	19,8	19,97	4,890	0,207
O3 – Sentimentos	19,4	18,69	2,998	-1,410
O4 – Acções	16,1	14,94	3,226	-2,122
O5 – Ideias	17,0	16,46	4,104	0,783
O6 – Valores	17,05	17,66	3,038	0,306
A – Amabilidade	123,3	122,37	11,978	0,459
A1 – Confiança	18,5	18,86	3,607	0,586
A2 – Rectidão	19,0	20,06	3,940	1,587
A3 – Altruísmo	21,9	22,40	2,523	1,173
A4 – Complacência	18,8	19,03	2,844	0,476
A6 – Sentimental	21,2	21,86	2,225	1,747
C – Conscienciosidade	129,3	126,51	14,180	-1,162
C1 – Competência	20,0	21,43	3,137	2,694
C2 – Ordem	18,9	20,97	3,494	3,508
C3 – Dever	22,8	23,74	3,509	1,509
C4 – Realização	19,9	19,74	3,212	-0,289
C5 - Auto-disciplina	19,2	20,91	3,004	3,377
C6 – Deliberação	18,3	19,71	3,870	2,162

N – Neuroticismo (mais neuróticos)

De acordo com os valores apresentados e, com o respectivo nível de significância, verifica-se que os participantes são mais neuróticos do que a população portuguesa em geral. Estes dados podem significar que os elementos da amostra são, em geral, emocionalmente instáveis e inseguros, com sentimentos de incompetência. Seguidamente, iremos caracterizar as facetas em que se encontram, igualmente, diferenças significativas.

N5: Impulsividade (menos impulsivos)

A amostra aqui representada demonstra ser menos impulsiva do que os valores apresentados pela média populacional. Esta faceta é reveladora de pessoas que possuem uma maior tolerância à frustração e resistem com maior facilidade às tentações.

E – Extroversão (menos extrovertidos)

No domínio da Extroversão, os resultados revelam uma amostra menos extrovertida, quando comparados com os valores padronizados para a população nacional. Valores baixos nesta esfera estão relacionados com indivíduos cuja essência é mais reservada, sóbria e distante, apresentando um ritmo de vida mais calmo. Estes dados estão também presentes e ajudar-nos-ão a compreender melhor o perfil da amostra.

E2: Gregariedade (menos gregários)

Com base nos resultados que surgem nesta faceta, reforçamos o que foi dito anteriormente acerca destes indivíduos, preferem a solidão ao convívio, levando uma vida pontuada pela tranquilidade.

O – Abertura à Experiência

Embora não tenham sido encontradas diferenças significativas no que diz respeito ao nível factorial, este domínio integra uma faceta que apresenta alterações de relevância estatística.

O4: Acções (menos acções)

De acordo com as pontuações obtidas, que foram baixas, a amostra parece preferir o familiar à novidade. Optando, assim, por seguir a sua rotina normal, elegendo a sua maneira de ser como conduta habitual.

A – Amabilidade

No que a este factor diz respeito, podemos afirmar que não foi encontrada qualquer expressividade no que remete para os resultados desta amostra. Não só não foram encontradas diferenças significativas ao nível factorial, como também não se regista nenhuma diferença em relação às facetas.

C – Conscienciosidade

O presente factor revela quatro escalas que se destacam com valores comprovados estatisticamente, podendo ser categorizado como o perfil de dominância nesta amostra. Não se verificaram, no entanto, alterações no plano factorial.

C1: Competência (mais competentes)

Estando esta faceta associada à auto-estima e ao locus de controlo interno, os bons resultados obtidos, revelam uma amostra que se sente bem preparada e capaz de lidar com a vida.

C2: Ordem (mais ordenados)

Neste campo, os participantes revelam uma maior tendência para manter o ambiente que os rodeia limpo e organizado, quando comparados com o grupo populacional.

C5: Auto-Disciplina (mais auto-disciplina)

A presente amostra revela significativamente mais auto-disciplina do que a amostra populacional. Sendo esta faceta relativa à capacidade de um sujeito de iniciar e concluir uma determinada tarefa, independentemente do factor cansaço ou de eventuais distrações, uma pontuação elevada significa que o sujeito revela boa capacidade para se motivar na prossecução de um objectivo. Poder-se-á, ainda, presumir que, devido a uma elevada tolerância à frustração, os mesmos sujeitos dificilmente ficarão prostrados ou desistirão quando orientados para a concretização de uma meta.

C6: Deliberação (mais deliberados)

Os resultados obtidos nesta faceta foram elevados comparativamente à média normativa. Relativamente a pontuações altas, em sintonia com os revelados pela nossa amostra, podemos concluir que se trata de sujeitos com tendência a pensar com cautela, a planificar e a ponderar antes de agir.

Uma vez que em três sub-escalas (E5, E6 e A5) não se verificou o pressuposto da normalidade ($p \leq 0.05$), surge a necessidade de aplicar um teste não paramétrico em alternativa ao *t*-student, neste caso o mais adequado é o teste de Wilcoxon (Anexo M) para uma mediana populacional (Maroco, 2007).

Quadro 3.3: Caracterização das escalas com o teste de Wilcoxon para uma mediana populacional

ESCALAS	MEDIANA VALOR NORMATIVO	MEDIANA VALOR DA AMOSTRA	P
E5 - Procura Excitação	18	14	0,000
E6 - Emoções Positivas	19	19	0,577
A5 – Modéstia	21	21	0,225

Apenas a sub-escala E5 apresenta diferenças estatisticamente significativas relativamente à norma. As restantes sub-escalas não se diferenciam da amostra populacional.

E5: Procura de Excitação (menos procura)

As baixas pontuações aqui evidenciadas vão, novamente, ao encontro do apresentado anteriormente no domínio Extroversão. Encontramos indivíduos que evitam a sobre-estimulação, apresentando comportamentos mais cautelosos.

3.3) Comparação do Perfil de Personalidade em função de Variáveis Demográficas.

Tivemos o intuito de verificar a existência de diferenças significativas entre os grupos pertencentes às áreas de residência rural e urbana. No entanto, confrontámo-nos com o facto de não existirem diferenças estatisticamente relevantes entre os mesmos (Anexo N).

3.4) Estudos Correlacionais entre Variáveis Psicológicas e Variáveis Demográficas.

Proseguimos, neste ponto, com a realização do coeficiente de correlação de *Bravais-Pearson*, o qual permite avaliar o grau de associação linear entre duas variáveis quantitativas, com distribuição normal. *R* adquire valores entre -1 e +1, sendo a associação linear entre as variáveis tanto mais forte quanto mais próximo de ± 1 for o valor do coeficiente de correlação (Coelho, Cunha & Martins, 2008).

3.4.1) Personalidade e Anos de Casamento:

Correlacionando os Anos de Casamento com todas as sub-escalas do NEO-PI-R verificou-se que N5, A3 e C4 demonstram estar significativamente correlacionadas com a longevidade do casamento da nossa amostra (Anexo O). Quanto à sub-escala Impulsividade

(N5), a correlação é negativa fraca. Observando-se que, à medida que os anos de casamento aumentam, esta faceta vai diminuindo. O que demonstra que ao longo do casamento há uma tendência para os indivíduos se demonstrarem menos impulsivos, logo com maior capacidade de resistir à frustração. No que diz respeito à faceta relacionada com o Altruísmo (A3), os resultados demonstram uma correlação positiva, sendo que os valores aumentam no mesmo sentido que os anos de casamento. Deste modo, podemos avançar com a ideia de que os sujeitos passam a estar menos centrados em si, mostrando-se mais disponíveis para os outros.

Por sua vez, nos Esforços de Realização (C4), a correlação é negativa fraca, apontando-se para que os valores diminuam consoante os anos de casamento vão aumentando. Podemos assim depreender que parece haver alguma falta de ambição e perda de interesse pelo sucesso.

3.4.2) Perfil de Personalidade e Idade:

Partindo do anteriormente descrito pela literatura acerca dos pressupostos da personalidade ao longo do ciclo de vida, foi nosso propósito, neste ponto, apurar a existência de correlações entre a personalidade e a idade dos participantes desta amostra (Anexo P).

Os resultados apontam para correlações significativas nos seguintes domínios e facetas: N, N1, N2, N3, N4, N5 e N6, E3, O5, C, C1, C5 e C6. Surpreendentemente, a escala Neuroticismo revela uma correlação positiva perfeita, em que à medida que a idade aumenta, os indivíduos vão ficando mais neuróticos. Quanto à Ansiedade (N1), Hostilidade (N2), Depressão (N3) e Auto-consciência (N4) as associações são positivas fortes, sendo possível prever que os mesmos se tornem mais ansiosos, hostis, depressivos e adquiram maior auto-consciência conforme os anos vão passando.

A correlação com a Impulsividade (N5) é moderada, apontando para que a mesma também vá aumentando. A correlação relativamente à Assertividade (E3) oscila de forma negativa de fraca a moderada, o que significa que esta faceta dos indivíduos vai diminuindo no sentido inverso à idade. Assim, os mesmos tornar-se-ão mais reservados, evitando a auto-afirmação. Observando agora os resultados das correlações com a Abertura à Experiência (O), apenas se verificou associação com a faceta Ideias (O5), que demonstrou estar significativamente associada, de forma fraca a moderada, revelando sujeitos mais pragmáticos e menos curiosos intelectualmente à medida que a idade avança. No que diz respeito à Conscienciosidade (C), a correlação neste domínio é moderada, bem como na Competência (C1), sugerindo que quando a idade aumenta, os indivíduos tornar-se-ão mais descuidados e passem a ter uma opinião mais fraca relativamente às suas capacidades. O mesmo se averigua nos resultados observados na Auto-Disciplina (C5) e na Auto-Deliberação (C6) em que as

correlações são moderadas, verificando-se também uma diminuição com o avançar da idade. Assim, poder-se-á concluir que serão sujeitos que perante a frustração desistem, ficando mais facilmente prostrados e actuando muitas vezes sem pensar nas consequências dos seus actos, tornando-se mais espontâneos.

3.4.3) Perfil de Personalidade e Género:

Na medida em que a variável género é de cariz nominal, foi necessário recorrer ao coeficiente de correlação *Bisserial* (Anexo Q), um caso particular do coeficiente de *Pearson*, utilizado em situações que se verifica uma variável contínua e outra dicotómica (Coelho, Cunha & Martins, 2008).

Os resultados obtidos sugerem-nos que quanto à escala Neuroticismo, bem como às sub-escalas N1, N2, N3, N4 e N6 as pontuações mais altas encontram-se moderadamente mais associadas ao género feminino. Ao passo que apenas a sub-escala relacionada com a Impulsividade (N5) se encontra aparentemente associada ao género masculino. Por sua vez a faceta Extroversão, aparece mais frequentemente associada aos homens, nomeadamente em E, E1, E3, E5 e E6, enquanto que as mulheres se apresentam como mais gregárias (E2) e activas (E4). No que diz respeito à Abertura à Experiência, novamente o género masculino aparece associado a mais facetas (O, O2, O3, O5 e O6), e as mulheres evidenciam-se na fantasia (O1) e nas acções (O4). Na Agradabilidade, as mulheres apenas como mais altruístas (A3). As pontuações mais elevadas aparecem agregadas ao género masculino na Agradabilidade em geral (A), na confiança (A1), rectidão (A2), na complacência (A4) e na sensibilidade (A6). De salientar que na modéstia (A5), ambos os géneros se encontram equiparados.

A última escala, a Conscienciosidade revela que as mulheres, na nossa amostra, demonstram ser apenas mais ordenadas (C2) do que homens. Sendo que estes obtêm pontuações mais elevadas no domínio (C), mostrando-se mais conscienciosos, sentindo-se mais competentes (C1), obedientes ao dever (C3), com maiores esforços de realização (C4), auto-disciplinados (C5) e com tendência para uma maior capacidade de deliberação (C6).

4 - Discussão

Neste espaço de discussão vamos tentar dar significado aos resultados encontrados anteriormente. Apesar da existência de suporte teórico acerca desta temática ser escassa, é nosso intuito, ainda assim, lançar algumas hipóteses justificativas dos acontecimentos com que nos deparámos. Relembrando apenas, a nossa questão de investigação tinha como propósito avaliar o perfil de personalidade dos indivíduos com relações de longo termo.

Na parte inicial do capítulo antecedente, expusemos as informações obtidas acerca de alguns dados pessoais dos nossos participantes por intermédio das questões abertas. Alcançámos três conjuntos de informação relacionados com: 1) as razões encontradas para a longevidade das relações conjugais; 2) as dificuldades com que se depararam ao longo da vida em comum; 3) de que forma tentaram solucionar os contratempos que foram surgido. Uma outra questão surgiu de modo a compreender se os indivíduos consideravam ou não o seu casamento feliz.

O que resultou da anterior análise deverá ser neste momento discutido à luz do que os sujeitos consideram agora, no momento presente, as suas relações com o outro, na medida em que não efectuámos um estudo longitudinal e não temos forma de chegar à vivência do casal deste que iniciaram as suas relações conjugais.

Assim, na primeira grande questão, a maioria dos participantes (57%) elegeu o amor como razão fundamental para continuarem juntos. Devemos lembrar que alguns dos participantes são viúvos e, como bem sabemos, os “falecidos são sagrados”. Relembrar e/ou enunciar algo de negativo pode ser altamente culpabilizante, principalmente nos mais idosos. Assim, as lembranças são quase sempre positivas. No entanto, este foi o factor mais vezes referido, também pelos sujeitos que ainda se encontram casados. Os restantes encontraram outras formas de prolongar as suas relações, até porque, como afirma Relvas (1996), se acredita que no decorrer da vida em comum, o casal se apercebe de que *só* o amor não chega para fazer face a todas as exigências que se vão colocando ao longo da vida.

Surgem então especificidades que muitas vezes é necessário construir ao longo de uma relação, surgindo ao longo da mesma o respeito, o bom-entendimento e o diálogo. Após tantos anos, quantos os verificados nestes indivíduos, é interessante observar que, apesar de todas as contrariedades pelas quais, possivelmente, terão passado, o amor continua a ser a emoção essencial que é realçada nos relatos. Como foi referido anteriormente, podemos fazer alusão a pelo menos dois tipos de amor, a saber, o amor apaixonado e o amor companheiro. Devemos relembrar então, que outra das razões encontradas para fundamentar a duração das suas relações foi o companheirismo, salientado por uma minoria que parece já não sentir o

amor subjacente a emoções tórridas, mas a algo mais estável e menos intenso (Neto, 2000). E, tendo por base estudos acerca da vivência entre casais de idosos, pôde constatar-se que, no âmbito dos relacionamentos entre idosos, os mesmos demonstram elevada expressão emocional e companheirismo (Ekerdt & Vinick, 1991; Hatch & Bulcroft, 2004, cit. por Shiota & Levenson, 2007; Carstensen, Gottman & Levenson, 1995, cit. por Henry et. al, 2007). O sentimento de apoio poderá estar envolvido na estabilidade, segurança e protecção que o casamento parece conferir a algumas pessoas.

A capacidade de perdoar, considerada pelos cristãos como um dos valores mais importantes, aparece também neste estudo como um dos factores que alguns consideram fundamentais para a longevidade de uma relação conjugal. Como refere Barros de Oliveira (2010, p.87) “no seio da família só o mútuo perdão a pode fazer perdurável e feliz”.

A rotina e a justificação dos filhos, na nossa opinião, surge no seio de casais mais insatisfeitos, que não conseguiram ultrapassar as divergências intra ou interpessoais. O casamento, como dizíamos anteriormente, é, ainda, encarado na sociedade ocidental como factor de estabilidade e enriquecimento individual, na medida em que este mantém um grau de prestígio que, apesar da evolução social, implica uma imagem de competência pessoal e normalidade (Relvas, 1996). E, apesar de insatisfeitos, após vinte anos de casamento, a estabilidade que alcançaram torna difícil a separação ou a procura de alguma autonomização Kaslow e Hammerschmidt (1992, cit. por Henry, Berg, Smith & Florsheim, 2007).

Apesar de a percentagem ser mínima, factores como a tolerância surgiram neste meio. Revelando a sua importância, como referem Relvas (1996) e Torres (2002), no casamento, é realizada uma negociação e estabelecimento de regras entre os membros do casal, de forma mais ou menos consciente. Apesar de poder implicar alguma perda de individualidade, a relação a dois representa ganhos a nível de pertença e complementaridade, logo associado a uma certa tolerância.

De seguida, revela-se o outro lado da moeda, isto é, quais as dificuldades encontradas ao longo do casamento. A principal razão parece relacionada com as exigências da vida profissional. E, tal como referido pelos próprios, podemos considerar a dificuldade agregada à incompatibilidade de horários, bem como a obrigatoriedade em ingressar no serviço militar e partir para a guerra, condição a que muitos portugueses se viram sujeitos na década de sessenta. Esta situação foi muito comum, principalmente no início de muitas relações conjugais, podendo ser considerada como a grande condicionante à felicidade nos primeiros anos de casamento.

A questão dos filhos, também relatada neste ponto, é igualmente considerada como possível dificuldade ao longo da relação. Podemos supor, a partir dos dados recolhidos, que

possa estar associado ao crescimento dos filhos, a divergências na educação dos mesmos, bem como às questões financeiras também enunciadas. As diferenças de personalidade, neste contexto, podem ser consideradas como benefícios ou dificuldades. Muitas vezes também as questões financeiras se podem agregar no que diz respeito a conciliar o tempo com os filhos. A falta de saúde enunciada, que pode surgir em qualquer altura da vida, parece particularmente difícil no início de uma vida em comum, com todos os sonhos e objectivos por atingir, bem como as dificuldades financeiras num casal jovem. No entanto, como referimos anteriormente, o surgimento de uma doença crónica num casal idoso pode ser fatal, na medida em que pode introduzir profundas mudanças no indivíduo, afectando a intimidade e relacionamento do casal e de outros que o rodeiam (Stukin, 1984 & Rustad, 1984, cit. por Chiquelho, Eusébio & Sousa, 2007).

Por último, enunciada pouco frequentemente, surge a falta de respeito entre o casal, o que pode “envenenar” a relação se não houver entre ambos a tal negociação de que falávamos anteriormente.

Para concluir este processo, resta compreender de que forma os mesmos participantes solucionaram estas dificuldades que referiram. As soluções encontradas estão intrinsecamente ligadas à personalidade de cada um e, mais uma vez, associadas ao perdão, carinho e diálogo. O perdão pode ser interpretado como a “capacidade de ultrapassar a mágoa, o ressentimento ou a vingança que o ofensor merecia, através da compaixão e benevolência” (North, 1987, cit. por Barros de Oliveira, 2010, p. 91). Assim se compreende que perante discussões ou contrariedades, o casal, ou pelo menos um dos cônjuges, faça uso do perdão como ferramenta para ultrapassar as dificuldades.

O diálogo é considerado como a chave fundamental para se chegar a um consenso entre opiniões divergentes, sendo esta última componente referida pelos sujeitos como a melhor estratégia encontrada para fazer face aos problemas. Não menos importante, o carinho, uma forma mais romântica de enfrentar maiores obstáculos, mas ainda assim parecendo ser a sua manutenção bastante eficaz para alguns. Finalizando, para os que sentiram apenas dificuldades financeiras ao longo da vida, a melhor solução parece ter sido a poupança, nomeadamente o regresso a casa dos pais. Caminho muitas vezes seguido por jovens casais, principalmente nos primeiros anos de vida, em que a capacidade para suportar grandes despesas é quase impossível. Outra condição citada pelos participantes evoca o regresso de África, após a descolonização em 1974, quando muitos portugueses tiveram de voltar à Metrópole (como então se dizia) com as vidas praticamente desfeitas. A ruptura surge enunciada por 11% dos indivíduos como solução para as dificuldades com que se confrontaram. Destes não sabemos se voltaram a unir-se ao cônjuge ou se, por outro lado,

decidiram pôr fim à insatisfação que sentiam e tentaram novos relacionamentos. Não esqueçamos que esta solução foi referida por uma percentagem mínima, não sendo comum nestes sujeitos.

Quanto à última questão, a respeito da felicidade conjugal, a maioria dos participantes (27) considerou o seu casamento feliz, enquanto que apenas seis sentiam ser felizes por vezes. O ideal de felicidade é muito subjectivo e pode ser influenciado por diversos factores, sendo esta determinada primariamente por factores personológicos (Costa & McCrae, 1980, 1984; Costa, McCrae & Zonderman, 1987; Diener, 1984, cit. por Barros de Oliveira, 2010).

Focando agora as nossas atenções no fundamental deste estudo, iremos tentar compreender que tipo de personalidade apresentam os indivíduos com casamentos de longo termo. De acordo com os resultados que obtivemos através da comparação do perfil factorial da nossa amostra com os valores da população portuguesa, podemos observar sujeitos com características congruentes e que parecem caminhar num mesmo sentido. A nossa amostra parece ter uma certa predisposição para uma vivência mais ligada ao seu interior e ao que é familiar, em detrimento do que possa surgir como novidade e causar mudanças na vida do quotidiano. Se não, analisemos o descrito no capítulo anterior, onde os indivíduos parecem ter maior facilidade em resistir às tentações, apresentado maior tolerância à frustração, preferindo assim uma vida pontuada pela tranquilidade, optando pela rotina normal a algo inovador. O comportamento é cauteloso, ordenado, planificado e auto-disciplinado, lutando pela prossecução de um objectivo.

Através de um estudo longitudinal e, atendendo à flexibilidade da personalidade, poderíamos talvez compreender com maior precisão se os sujeitos apresentam este perfil de personalidade desde a idade adulta ou se surgiram mudanças que possam ter interferido nos traços pré-existentes. A congruência dos dados pode estar relacionada, como apontam alguns estudos teóricos, com a idade, na medida em que os indivíduos revelam tendência para a interioridade ou para a introversão (Lima; 1999; Michel & Purper-Ouakil, 2006).

Apesar destes dados, devemos salientar os valores do Neuroticismo para a nossa amostra, que surgem com maior dominância. A média de idades da nossa amostra é igual a 63,6 anos, e, não sendo ainda considerados idosos, temos que atentar no que os teóricos apontam sobre o desenvolvimento da personalidade. McCrae et al., (1992, cit. por Lima & Albuquerque, 2006) revelam que o neuroticismo tende a diminuir com a idade, ao passo que a amabilidade e a conscienciosidade parecem aumentar. Assim, podemos apenas sugerir que estes valores de neuroticismo podem estar associados a factores depressivos, ainda que na faceta Depressão (N3) não se tenham verificado diferenças relativamente à média populacional. Valores elevados nesta escala, podem levar, por vezes, à dúvida da presença ou

não de psicopatologia, mas, como revelam Costa e McCrae (1992), esta elevação não deve ser confundida com perturbações psiquiátricas. O neuroticismo está ainda relacionado com o stress e com a baixa satisfação sexual, factores que podem facilitar a compreensão dos nossos resultados, não se podendo, ainda assim, retirar grandes ilações.

Um dos objectivos específicos a que nos propusemos foi comparar o perfil de personalidade em função de variáveis demográficas. Assim, fomos verificar se existiam diferenças significativas entre os indivíduos que habitavam em meio rural e os que fixaram a sua residência em meio urbano. Do estudo que efectuámos, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas, em termos de personalidade entre as duas áreas de residência. O nosso objectivo era o de encontrar facetas que pudessem estar mais relacionadas com um ou outro meio. No entanto, devemos referir que o nosso propósito inicial não ia nesse sentido, mas uma vez que os dados recolhidos eram provenientes do meio rural e urbano, tivemos a curiosidade de investigar o que poderíamos encontrar.

Outro dos objectivos a que nos propusemos foi verificar a existência de correlações significativas entre variáveis psicológicas e variáveis demográficas. Num primeiro momento, analisámos de que forma o perfil factorial dos indivíduos da nossa amostra estava associado aos anos de casamento dos mesmos. Os dados que obtivemos demonstraram correlações apenas em três das trinta facetas do NEO-PI-R (N5, A3, C4). À semelhança do averiguado anteriormente, também à medida que os anos de casamento vão passando os indivíduos parecem tornar-se menos impulsivos, resistindo mais facilmente às tentações do que no início da vida em comum. Atendendo ao que sabemos da vida em comum num casal após 20 anos e, possivelmente, já com filhos fora de casa, é que a relação conjugal se encontra estabilizada, mesmo que se verifiquem situações de conflito ou insatisfação (Kaslow & Hammerschmidt (1992, cit. por Henry, Berg, Smith & Florsheim, 2007). Assim, podemos supor que a diminuição da impulsividade possa ser uma característica que une o casal, uma vez que se esta faceta demonstrasse valores elevados poderia haver tendência a sair impulsivamente da relação, após uma qualquer discussão ou zanga, ou a procurar uma outra mais satisfatória. Poderá então existir maior nível de tolerância aos contratemplos e maior capacidade de se manterem unidos, apesar das frustrações com que possam ser confrontados ao longo da vida de casal.

Centrando agora a nossa atenção no altruísmo, que parece aumentar no mesmo sentido dos anos de casamento, verifica-se um crescendo de preocupação activa pelo outro, em termos de generosidade, auto-sacrifício e vontade de ajudar. Os resultados nesta faceta podem estar relacionados com o acima descrito, acerca da diminuição da impulsividade e do que supusemos em relação à conjugalidade. Valores elevados na impulsividade estão mais

direccionados para a satisfação de um desejo, muitas vezes pessoal e egoísta, em detrimento da vontade do outro. Assim, uma menor impulsividade pode revelar mais disponibilidade para o desejo e bem-estar do outro.

A última correlação presente entre estas variáveis revelou dados significativos com os Esforços de Realização (C4), sendo que esta faceta diminui ao longo da vida conjugal. Podemos sugerir que esta situação esteja relacionada com o que referimos relativamente à estabilidade conjugal, apesar de poder existir insatisfação. Após tantos anos juntos, em que os primeiros vinte anos foram praticamente dedicados a cuidar dos filhos, tendo em conta ainda as exigências da carreira profissional, o que sobrou na vivência entre o casal, foi na maioria das vezes, apenas uma recordação do que conheciam acerca de cada um no início do casamento (Relvas, 1996; Torres, 2002). Os esforços de realização vão diminuindo talvez porque se foram habituando um ao outro, podendo até existir alguma preguiça e falta de ambição. Este resultado, ao contrário dos anteriores, poderia prever uma separação ou falta de entendimento, quando o cônjuge for muito activo e se se mantiver permanentemente à procura de ser surpreendido pelo outro. No entanto, não estudámos aqui a personalidade de ambos os membros do casal, recorrendo antes ao que evidenciámos acerca de qual a melhor parceria, se personalidades semelhantes ou complementares. Podemos sugerir que se estes casais, com menores pontuações nos esforços de realização se mantiverem unidos, poder-se-á dever à semelhança (um não espera mais do que o outro), porque estão equiparados, ou, se forem complementares, podendo por exemplo o cônjuge ser igualmente um viciado no trabalho, ambicionando sempre mais, não dando espaço a que possam lutar por objectivos em comum.

Predispusemo-nos ainda a analisar a associação dos factores da personalidade com a variável idade e compreender de que forma se correlacionavam. No primeiro objectivo que discutimos neste capítulo verificámos que o neuroticismo divulgou valores mais elevados, quando comparados com dados normativos, mas, neste ponto em que nos encontramos agora, o que observamos é que os valores de neuroticismo, em todas as suas facetas, vão aumentando com a idade. À semelhança destes resultados, parecem tornar-se também mais reservados, menos curiosos intelectualmente e com menor percepção de auto-competência e de conscienciosidade.

Parece haver uma tendência na nossa amostra a opiniões relativas à perda de capacidades e a comportamentos mais impulsivos. Os resultados são curiosos, nomeadamente se prestarmos atenção ao que os teóricos compreenderam através de diversos estudos acerca do desenvolvimento da personalidade ao longo do ciclo de vida. Apesar de as principais mudanças se constituírem até por volta dos 30 anos, podem surgir alterações após os 60 anos, como alguns sentimentos de perda de controlo, facto que pode ser traduzido pela passagem de

uma atitude antes activa, para uma outra mais passiva (Neugarten, 1964, cit. por Fontaine, 2000). Os mesmos autores referem ainda que certos comportamentos podem mudar, mas a personalidade do indivíduo mantém-se inalterada apesar de estar em constante evolução, integrando assim os vários acontecimentos com que o mesmo se vai deparando.

Schulz e Ewen (1988, cit. por Lima, 1999) que se referem à modificação de alguns traços disposicionais com o avançar da idade, aperceberam-se que o *locus* de controlo, a actividade, a rigidez, a cautela e a dependência/independência parecem sofrer modificações. Os estudos de Reichard et al. (1962, cit. por Lima, 1999) encontraram cinco tipos de personalidade a partir de uma amostra com idades compreendidas entre os 55 e os 84 anos, verificando-se entre elas três de carácter bem adaptado, caracterizando-se as duas últimas pela má adaptação, agressividade e depressão.

Estes resultados podem estar relacionados com a vivência dos sujeitos e do que os mesmos realmente sentem, ou pode também ser devido ao tamanho da amostra e de não se verificar equivalência entre o número representativo do género feminino e o do género masculino. Assim, estes dados podem ser representativos do que se passa com o envelhecimento das mulheres, como afirma Feingold (1994, cit. por Botelho, 2006) que se revelam mais sentimentais, menos assertivas, mais confiáveis e ansiosas do que os homens.

De facto, como se observa pelos resultados que efectuámos correlacionando personalidade e género, o neuroticismo está mais associado ao género feminino, estando apenas a impulsividade (N5) mais direccionada para os homens. Quanto à extroversão, esta aparece mais relacionada aos homens, o que podemos compreender através dos valores do acolhimento caloroso, assertividade, procura de excitação e emoções positivas. Num primeiro ponto, podemos reflectir acerca dos dados que Jung (cit. por Simões, 1999) revela acerca da mudança da personalidade a partir da meia-idade. Assim, os homens seriam percebidos como mais emotivos e afiliativos, ao passo que as mulheres se revelariam mais agressivas e egocêntricas. Neste estudo, as mulheres mostram-se como mais associadas à gregriedade e actividade, bem como com pontuações mais elevadas nas facetas de fantasia e acções, ao passo que os homens parecem estar mais sensibilizados no que diz respeito à estética, revelando maior empatia e receptividade aos sentimentos e emoções interiores, com mais ideias e maior tolerância. Parecem ainda confiar mais nas boas intenções dos outros, sendo também mais rectos e confiáveis nas suas próprias acções. A complacência surge novamente em relação ao género masculino, sendo caracterizado pela capacidade de perdoar e aceitar a opinião dos outros. A modéstia não escolhe géneros, estando em sintonia com ambos.

Estes resultados são um pouco surpreendentes, na medida em que parece haver uma tendência social a considerarmos as mulheres como mais sensíveis e emotivas. No entanto, o

que é aqui demonstrado distancia-se um pouco do esperado. Talvez esta situação possa estar relacionada com o que falávamos anteriormente, ou seja, acerca de os homens se tornarem mais emotivos com a idade e as mulheres mais agressivas. Contudo não podemos esquecer que muitas destas mulheres pertencem ainda a um tempo em que o papel desempenhado na família estava muito ligado à ordem e organização do lar, bem como à criação dos filhos, com uma enorme componente afectiva, mas também muito prática.

Neste estudo, para além da área mais sentimental que demonstraram, seria de esperar da parte dos homens resultados com tendência para personalidades dominantes, mais conscienciosos, sentindo-se com mais competências, obedientes ao dever e com maior capacidade de deliberação. Apesar de demonstrarem o outro lado que socialmente está mais associado às mulheres, não poderiam deixar de revelar o lado mais masculino de força, poder e dominância. Não podemos obviamente justificar estes dados com grande relevância, limitando-nos apenas a lançar suposições, na medida em que a inexistência de bases teóricas dificulta este processo.

Quanto ao género feminino, podemos supor, não a partir do mesmo princípio de desejabilidade social, mas tendo em conta aquilo que talvez não possam expressar livremente, o que, neste contexto, as podem ter levado a revelar um outro lado mais combativo, não só ligado à faceta materna e emotiva a que habitualmente se podem sentir compelidas a desempenhar.

De modo a finalizar a discussão dos nossos dados e tendo por base a principal questão de investigação, vamos partir do pressuposto de que os indivíduos que participaram neste estudo foram desenvolvendo, ao longo do ciclo de vida, o perfil de personalidade com as características supracitadas. Assim, podemos admitir que as mesmas possam ter desempenhado um papel protector na relação conjugal, na medida em que as características de personalidade aqui apresentadas são mais voltadas para o interior, para a unidade e não tanto para o exterior.

No presente estudo apenas avaliámos um dos cônjuges, sendo difícil de prever como será a personalidade do par, de forma a compreender se o perfil que obtivemos é complementar ou semelhante e de que modo isso prejudica ou beneficia a relação. Em outros estudos relacionados com a temática da conjugalidade, foram utilizados instrumentos de avaliação que abrangeram ambos os cônjuges. Os mesmos verificaram que as dimensões da Agradabilidade, Abertura à Experiência e Conscienciosidade parecem estar positivamente relacionadas com a satisfação dos casais, sendo considerados traços benéficos (Gattis, Simpson, Christensen & Berns, 2004; Shiota & Levenson, 2007).

Como observámos ainda, através das questões mais particulares, e, como refere Narciso (2001/ 2002), a satisfação conjugal é influenciada por factores de ordem centrípeta, como a comunicação, o conflito, a resolução de conflitos e o controlo relacional a um nível comportamental e de carácter centrífugo como o amor, a intimidade e o compromisso. É um equilíbrio entre os mesmos, bem como o factor resiliência, não estudado por nós, mas que tem interesse, uma vez que envolve o desenvolvimento da capacidade para se lidar construtivamente com as adversidades da vida quotidiana.

Supondo ainda que as características de personalidade aqui demonstradas são referentes apenas ao presente, tendo sofrido mudanças ao longo do tempo, devemos considerar os factores recolhidos através das questões abertas e que vão ao encontro dos resultados obtidos nos estudos de Kaslow Kaslow e Hammerschmidt (1992, cit. por Kaslow & Robison, 1996). Devemos recordar que os mesmos tentaram descobrir o segredo das relações maritais de longo termo, encontrando características como o amor e respeito mútuo, entre outras. E, nos estudos de Cuber and Haroff (1965, cit. por Bachand & Caron, 2001), salientaram a importância da comunicação e boas capacidades de resolução de problemas, entre outros. Observando os resultados obtidos, podemos constatar a presença destas condições aliadas a casamentos de longa duração nos nossos participantes. Assim, podemos supor que este tipo de personalidade com características mais reservadas em comunhão com os factores supracitados, poderão estar relacionados com a longevidade das relações conjugais.

5 - Conclusões

O presente estudo lançou a proposta de verificar qual o tipo de personalidade constituinte dos indivíduos com relações de longo termo. Foi utilizado o instrumento de avaliação da personalidade NEO-PI-R, o qual, pelas suas características abrangentes, demonstrou ser o mais adequado na investigação que pretendíamos realizar, sendo a amostra constituída por um total de 35 participantes que preencheram os requisitos necessários.

No início era pretendido que os sujeitos fossem casados há mais de 20 anos e, assim, por conveniência, a recolha foi iniciada em centros de dia, deparando-nos no entanto com certas dificuldades. Para além de a grande maioria dos sujeitos serem viúvos/as, eram ainda iletrados, o que exigiu a hetero-administração do NEO-PI-R. Esta situação foi bastante morosa, o que levou a que procurássemos casais de meia-idade, com maiores recursos. Todavia, fomos confrontados com uma nova situação, já que os indivíduos que se disponibilizaram não tinham chegado ainda ao patamar dos 20 anos de vida em comum, tendo assim a nossa abordagem que ser reformulada, aceitando 10 anos como o mínimo de tempo de relação.

A questão da hetero-administração que referimos anteriormente, pode ter levado ao fenómeno da desejabilidade social, uma vez que os idosos podem ter afirmado ser aquilo que pensavam, apenas por acharem que era o mais correcto socialmente. Contudo, tentámos criar um ambiente confortável e descontraído, esperando evitar situações como a que mencionámos.

A escassez de literatura acerca desta temática dificultou a interpretação de alguns resultados, mas tentámos retirar possíveis justificações para os mesmos.

Como resposta ao objectivo de investigação verificámos características mais introversivas, comportamentos cautelosos e ordenados e maior facilidade em resistir às tentações, e ainda factores como o amor, respeito, diálogo e capacidade de solucionar os problemas. Estes dados levam-nos a admitir que estes traços de personalidade aliados a estas condições poderão funcionar como factores de protecção das relações conjugais. Estes casais parecem apreciar contextos mais calmos e a manutenção da ordem e controlo, em detrimento de situações em que a novidade esteja presente. Assim, parece haver uma preservação das relações, salvaguardando o que têm, ao invés de procurarem novas alternativas.

Conhecemos apenas um dos cônjuges, sendo que a maior parte são viúvos, o que torna difícil de prever que tipo de relação se verifica entre ambos. Um outro estudo, de cariz longitudinal e abrangendo os dois indivíduos, poderia ser uma mais-valia para uma compreensão mais abrangente desta realidade, bem como a introdução da variável resiliência,

uma vez que, cientes das problemáticas com que um casal é confrontado ao longo do ciclo de vida, teria sido interessante averiguar que estratégias utilizam para as ultrapassar.

Por fim, consideramos que os principais resultados com que nos deparamos, nomeadamente a compreensão do perfil factorial destes sujeitos, poderá servir como contributo para a prática clínica. A sua pertinência pode estar relacionada no âmbito da terapia familiar, área tão procurada actualmente. É nossa convicção que auxiliando o casal nas suas divergências se poderá intervir mais eficazmente ao nível da parentalidade e da família no seu todo.

6 - Referências

- Amâncio, L. (1994). Das diferenças entre os sexos à diferenciação social entre homens e mulheres. In *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*. Porto: Edições Afrontamento
- Bachand, L., & Caron, S. (2001). Ties that bind: a qualitative study of happy long-term marriages. *Contemporary Family Therapy*, 23 (1), 105-121.
- Baltes, P., Staudinger, U., & Lindenberger, U. (1999). Lifespan psychology: theory and application to intellectual functioning. *Annual Review of Psychology*, 50, 471-507.
- Barros de Oliveira, J. (2010). *Psicologia positiva. Uma nova psicologia*. Porto: Livpsic
- Botelho, T., & Leal, I. (2001). *Personalidade materna e prematuridade*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Intervenção das Pessoas com Deficiência.
- Botelho, T. (2006). *A personalidade da mãe prematura*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Intervenção das Pessoas com Deficiência.
- Caspi, A., Ozer, D., & Herbener, E. (1992). Shared experiences and the similarity of personalities: a longitudinal study of married couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62 (2), 281-291.
- Caspi, A., Roberts, B., & Shiner, R. (2005). Personality development: stability and change. *Annual Review of Psychology*, 56, 453-484.
- Chiquelho, R., Eusébio, C., & Sousa, L. (2007). Enfrentar a velhice e a doença crónica: um programa de apoio a doentes com AVC e seus familiares (AVCfamílias). *Psychologica*, 44, 505-530.
- Coelho, J., Cunha, L., & Martins, I. (2008). Inferência estatística com utilização do SPSS e G*power. Lisboa: Edições Sílabo.
- Costa, P., & McCrae, R. (2000). *Manual Profissional NEO PI-R - Inventário de Personalidade NEO Revisto* (1ª ed.). Lisboa: Cegoc

- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi.
- Gattis, K., Simpson, L., Christensen, A., & Berns, S. (2004). Birds of a feather or strange birds? Ties among personality dimensions, similarity, and marital quality. *Journal of Family Psychology, 18* (4), 564-574.
- Gerstorf, D., Smith, J., & Baltes, P. (2006). A systemic-wholistic approach to differential aging: longitudinal findings from the Berlin Aging Study. *Psychology and Aging, 21* (4), 645-663.
- Gow, A., Pattie, A., Whiteman, A., Whalley, L., & Deary, I. (2007). Social Support and Successful Aging. Investigating the Relationships Between Lifetime Cognitive Change and Life Satisfaction. *Journal of Individual Differences, 28* (3), 103-115.
- Henry, N., Berg, C., Smith, T., & Florsham, P. (2007). Positive and negative characteristics of marital interaction and their association with marital satisfaction in middle-aged and older couples. *Psychology and Aging, 22* (3), 428-441.
- Kaslow, F., & Robison, J. (1996). Long-term satisfying marriages: perceptions of contributing factors. *The American Journal of Family Therapy, 24* (2), 153-170.
- Lima, M. (1997). *NEO-PI-R: Contextos teóricos e psicométricos OCEAN ou iceberg?* Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Lima, M. (1999). Personalidade na terceira idade. *Psicologia, Educação e Cultura, 3* (2), 385-396.
- Lima, M., & Albuquerque, I. (2006). Personalidade na idade adulta: o contributo dos projectos pessoais. *Psicologia, Educação e Cultura, 10* (2), 245-266.
- Lima, M., & Simões, A. (2000). A teoria dos cinco factores: uma proposta inovadora ou apenas uma boa arrumação do caleidoscópico personológico? *Análise Psicológica, 2* (18), 171-179.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Michel, G., & Purper-Ouakil, D. (2006). *Personalidade e desenvolvimento – do normal ao patológico*. Lisboa: Instituto Piaget.

Narciso, I., & Costa, M. (2001 - 2002). Percursos de mudança na qualidade conjugal – fragmentos de um estudo sobre conjugalidades satisfeitas. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, 181-195.

Neto, F. (2000). Variações psicológicas sobre o amor. *Psicologia, Educação e Cultura*, 4 (2), 311-327.

Rabasquinho, C., & Pereira, H. (2007). Género e saúde mental: Uma abordagem epidemiológica. *Análise Psicológica*, 3 (XXV), 439-454.

Relvas, A. (1996). A formação do casal. In *O ciclo vital da família. Uma perspectiva sistémica*, (pp. 13-73). Porto: Edições Afrontamento.

Relvas, A. (1996). Família com filhos adultos. In *O ciclo vital da família. Uma perspectiva sistémica*, (pp. 188-228). Porto: Edições Afrontamento.

Relvas, A., & Alarcão, M. (Coords.) (2007). *Novas Formas de Família* (2ª ed.). Coimbra: Quarteto Editora.

Ribeiro, J. (2007). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde*. Porto: Livpsic.

Robins, R., Caspi, A., & Moffitt, T. (2000). Two personalities, one relationship: both partners' personality traits shape the quality of their relationship. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79 (2), 251-259.

Seeman, T., Lusignolo, T., Albert, M., & Berkman, L. (2001). Social relationships, social support, and patterns of cognitive aging in healthy, high-functioning older adults: MacArthur Studies of Successful Aging. *Health Psychology*, 20 (4), 243-255.

Smith, J., & Baltes, P. (1997). Profiles of psychological functioning in the old and oldest old. *Psychology and Aging*, 12 (3), 458-472.

Shiota, M., & Levenson, R. (2007). Birds of a feather don't always fly farthest: similarity in big five personality predicts more negative marital satisfaction trajectories in long-term marriages. *Psychology and Aging*, 22 (4), 666-675.

Silva, C. (2008). *Caminhando entre passos tradicionais e modernos: um olhar sobre a satisfação conjugal*. Tese de Mestrado em Psicologia Clínica

Simões, A. (1999). A personalidade do adulto: Estabilidade e/ou mudança? *Psychologica*, 22, 9-26.

Skinner, R., & Cleese, J. (1990). *Famílias e como (sobre) viver com elas*. Porto, Edições Afrontamento.

Spotts, E., Lichtenstein, P., Pedersen, N., Neiderhiser, J., Hansson, K., Cederblad, M., & Reiss, D. (2005). Personality and marital satisfaction: a behavioural genetic analysis. *European Journal of Personality*, 19, 205-227.

Staudinger, U. M. (2001). Life-reflection: A social-cognitive analysis of life-review. *Review of General Psychology*, 5, 148-160.

Torres, A. (1996). *Divórcio em Portugal, ditos e interditos*. Oeiras: Celta Editora.

Torres, A. (2002). *Casamento em Portugal – uma análise sociológica*. Oeiras: Celta Editora.

ANEXO A

Pedido formal de autorização à Universidade Internacional para a Terceira Idade (UITI)

À Direcção da Universidade Internacional para a Terceira Idade (UITI):

No âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, está a ser desenvolvida uma investigação com o intuito de avaliar o perfil de personalidade de indivíduos com casamentos de longa duração, orientada pela Professora Doutora Teresa Botelho.

Para este efeito, gostaria de solicitar autorização para recolher uma amostra nesta instituição. A participação requer a aplicação do questionário NEO-PI-R, mediante a devida autorização dos sujeitos.

Encontro-me ao vosso inteiro dispor para qualquer esclarecimento adicional através do endereço de email: joanaipereira@msn.com ou a partir do número de telemóvel: 912365486.

Com os melhores cumprimentos,

A Mestranda

A Orientadora do Seminário de Dissertação

A Direcção

ANEXO B

Pedido formal de autorização à Universidade da Terceira Idade da Associação de Reformados e Pensionistas de Torres Novas (UTIARPE)

À Direcção da Universidade da Terceira Idade da Associação de Reformados e Pensionistas de Torres Novas (UTIARPE):

No âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, está a ser desenvolvida uma investigação com o intuito de avaliar o perfil de personalidade de indivíduos com casamentos de longa duração, orientada pela Professora Doutora Teresa Botelho.

Para este efeito, gostaria de solicitar autorização para recolher uma amostra nesta instituição. A participação requer a aplicação do questionário NEO-PI-R, mediante a devida autorização dos sujeitos.

Encontro-me ao vosso inteiro dispor para qualquer esclarecimento adicional através do endereço de email: joanaipereira@msn.com ou a partir do número de telemóvel: 912365486.

Com os melhores cumprimentos,

A Mestranda

A Orientadora do Seminário de Dissertação

A Direcção

ANEXO C

Pedido formal de autorização Centro Social Paroquial Santo António de Riachos

À Direcção do Centro Social Paroquial Santo António de Riachos:

No âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, está a ser desenvolvida uma investigação com o intuito de avaliar o perfil de personalidade de indivíduos com casamentos de longa duração, orientada pela Professora Doutora Teresa Botelho.

Para este efeito, gostaria de solicitar autorização para recolher uma amostra nesta instituição. A participação requer a aplicação do questionário NEO-PI-R, mediante a devida autorização dos sujeitos.

Encontro-me ao vosso inteiro dispor para qualquer esclarecimento adicional através do endereço de email: joanaipereira@msn.com ou a partir do número de telemóvel: 912365486.

Com os melhores cumprimentos,

A Mestranda

A Orientadora do Seminário de Dissertação

A Direcção

ANEXO D

Termo de Consentimento Informado

Termo de Consentimento Informado

Caro Participante:

O número de divórcios em Portugal tem vindo a aumentar cada vez mais. Esta é uma situação que ocorre não só no nosso país, mas também a nível europeu.

Com esta investigação pretendemos estudar o “reverso da medalha” - os casamentos. Sabendo que, apesar de haver realmente muitos divórcios, ainda existem muitos casamentos de longa duração. Assim, temos como objectivo verificar qual a personalidade dos membros do casal, para perceber se este é um dos factores que faz com que tantos casamentos perdurem por tantos anos.

Garantimos, desde já, que as suas respostas serão anónimas, mantendo a sua total confidencialidade.

Muito obrigada pela disponibilidade e preciosa ajuda!

ANEXO E

Questionário de Caracterização da Amostra

Questionário de Caracterização da Amostra

A) Dados Sócio-Demográficos

1. Sexo
 - 1.1 Masculino
 - 1.2 Feminino
2. Idade: ----- Se casado(a) a idade do companheiro(a) -----
3. Etnia:
 - 3.1 Caucasiana
 - 3.2 Negra
 - 3.3 Asiática
 - 3.4 Mista
4. Estado Civil:
 - 4.1 Solteiro(a)
 - 4.2 Casado(a)
 - 4.3 União de Facto
 - 4.4 Separado(a)
 - 4.5 Divorciado(a)
 - 4.6 Viúvo(a)
5. Habilitações Literárias: -----
6. Profissão:-----
7. Co-habitação
 - 7.1 Família nuclear em domicílio próprio
 - 7.2 Com família alargada (netos, filhos)
 - 7.3 Sem co-habitação
 - 7.4 Lar
8. Área de Residência
 - 8.1 Concelho -----
 - 8.2 Freguesia -----
9. Religião: -----

B) Dados Clínicos/Familiares/Outros

- 1) Se é casado(a), há quantos anos?
- 2) Casou... pela Igreja pelo civil outro qual?-----
- 3) Quanto tempo namoraram?
- 4) Desde o casamento tem-se relacionado com familiares do seu (sua) companheiro(a)? Sim Não
- 5) Como se relaciona com esses familiares? Muito bem Bem Mais ou Menos Mal Muito Mal
- 6) No caso de existirem filhos, quantos?
- 7) E netos tem? Se sim, quantos?
- 8) Se é viúvo(a) ou separado(a), quantos anos viveu em relação marital?
- 9) Na sua opinião, por que acha que está ou esteve casado(a) tantos anos?
- 10) Quando pensa no seu casamento, sente que é ou foi feliz?
- 11) Devem ter encontrado algumas dificuldades ao longo do tempo, em que momentos as sentiram?
- 12) Quando as encontraram, o que fizeram para resolver a situação?
- 13) Chegou a haver alguma ruptura? Sim Não De quanto tempo?
- 14) Tem ou costumava ter actividades de lazer em conjunto com o seu (sua) companheiro(a)?

ANEXO F

Caderno NEO-PI-R

ANEXO G

Domínios e facetas do NEO-PI-R

Domínios e Facetas que integram o NEO-PI-R (adaptado de Lima, 1997, p.172):

Neuroticismo (N)

Esta escala centra a sua avaliação na adaptação *versus* instabilidade emocional do sujeito. Consequentemente, valores elevados identificam indivíduos preocupados, nervosos, emocionalmente inseguros, com sentimentos de incompetência, hipocondríacos, com tendência para a descompensação emocional, ideias irrealistas, desejos e necessidades excessivos e respostas de *coping* desadequadas.

As medidas de Neuroticismo estão correlacionadas com o stress, assim como com a baixa satisfação sexual – os sujeitos com valores elevados nas facetas de Depressão e Auto-Consciência, evitam o contacto sexual, têm consequentemente, menos experiências neste foro e uma visão mais conservadora e restritiva sobre a sexualidade.

Por sua vez, baixas pontuações em N reflectem estabilidade emocional. Tratam-se, habitualmente, de sujeitos calmos, com humor constante, relaxados, seguros, com auto-satisfação, revelando-se capazes de fazer face a situações de tensão sem ficarem transtornados.

As facetas do Neuroticismo incluem:

Ansiedade (N1) – Os sujeitos ansiosos são: apreensivos, tensos, medrosos e preocupados. Mesmo que a presente escala não contemple a medida de fobias específicas, os sujeitos com pontuações elevadas neste traço têm tendência a ser fóbicos. De modo contrário, uma baixa pontuação está associada a sujeitos calmos, relaxados, estáveis, menos medrosos e sem tendência para empreender naquilo que pode correr mal.

Hostilidade (N2) – Os sujeitos hostis manifestam uma tendência para experienciar a raiva, a frustração e a amargura, revelando um temperamento “quente” que se exprime muitas vezes por um estado de frustração ou zanga. É frequente um sujeito apresentar valores elevados nesta escala e, simultaneamente, valores baixos na escala da Amabilidade. Por oposição, os sujeitos com N2 baixo são amigáveis, têm um temperamento mais moderado e dificilmente se ofendem ou se zangam.

Depressão (N3) – Esta faceta está concebida para a avaliação das diferenças ajustadas no vivenciar do afecto depressivo. Dito de outro modo, não tem qualquer fundamento de cariz psicopatológico.

Um valor de N3 elevado remete para sujeitos com pouca esperança, tristes, melancólicos, sozinhos, desesperados e com graus elevados de culpabilidade. Em clara oposição, um valor N3 baixo é indicativo de indivíduos confiantes, para quem a vida faz sentido e vale a pena e, que raramente, experimentam as sensações de depressividade acima descritas. Porém, não se quer com isto dizer que os sujeitos com baixo N3 serão alegres e despreocupados, uma vez que estas são características inerentes à extroversão, como adiante se poderá observar.

Auto-Consciência (N4) – As principais emoções características desta faceta são a vergonha e o embaraço. Um resultado elevado nesta escala remete para sujeitos que se sentem pouco à vontade junto dos seus congéneres. São sensíveis ao ridículo, têm tendência para se sentirem inferiores, envergonhados, tímidos e são pessoas com comportamentos socialmente adequados. Possuidores de uma maior segurança, sentem-se plenamente à vontade em situações sociais.

Impulsividade (N5) – Cabe advertir que a impulsividade avaliada pela presente escala não deverá ser confundida com a espontaneidade, a decisão rápida e a capacidade de arriscar. Estas últimas serão objecto de menção mais adiante.

Esta faceta remete para a incapacidade de controlar e resistir às tentações. Os desejos de comida, cigarros e propriedade são tão fortes que o sujeito não lhes consegue resistir, mesmo que posteriormente se possa arrepender de tal impulsividade – assim se passa com os sujeitos que apresentam resultados dilatados nesta faceta. Inversamente, um baixo desempenho, é revelador de pessoas que possuem uma maior tolerância à frustração e resistem com mais facilidade às tendências acima enunciadas.

Vulnerabilidade (N6) – Quando confrontados com situações de emergência, os sujeitos que, à luz desta escala, se revelam vulneráveis, prontamente se enervam e entram em pânico. Ou seja, são manifestamente incapazes de lidar com a tensão e tornam-se facilmente dependentes. Um baixo valor na escala N6 é, geralmente, indicador de pessoas que conseguem “manter a cabeça fria”, são competentes e resistentes, logo que lidam melhor com situações difíceis.

Extroversão (E)

A extroversão traduz a quantidade e intensidade das interacções interpessoais, o nível de actividade, a necessidade de estimulação e a capacidade de exprimir alegria. Consequentemente, as pessoas extrovertidas são sociáveis, afirmativas, optimistas, amantes da

diversão, afectuosas, activas, alegres e conversadoras. De forma contrária, uma pessoa introvertida é na sua essência reservada, menos exuberante, sóbria, distante, com um ritmo de vida mais calmo, tímida e silenciosa. É igualmente mais orientada para a tarefa e independente nas suas tomadas de decisão.

Por sua vez, os extrovertidos encaram as situações competitivas mais favoravelmente do que os introvertidos, enquanto que estes preferem, tendencialmente, situações cooperativas.

As facetas da Extroversão incluem:

Acolhimento Caloroso (E1) – Relativamente à intimidade interpessoal, o Acolhimento é a faceta de E com maior relevância. Verifica-se também a este nível uma estreita relação com a dimensão de Amabilidade. As pessoas calorosas são amigáveis, conversadoras e afectuosas, gostam verdadeiramente dos outros e estabelecem laços estreitos com eles. Pontuações baixas são habitualmente reveladoras de pessoas mais formais, distantes e frias.

Gregariedade (E2) – O indivíduo gregário, ou com pontuação elevada em E2, gosta de conviver, tem muitos amigos e procura naturalmente o contacto social. De modo oposto, uma baixa pontuação em E2 estará associada a sujeitos solitários, que evitam multidões e preferem estar sozinhos.

Assertividade (E3) – Os sujeitos assertivos são dominantes, revelam ter ascendência social e força de vontade. Para além do mais, são pessoas confiantes e decididas. Estes indivíduos falam sem hesitações e assumem, com facilidade, posições de líderes de opinião. Dos indivíduos menos assertivos espera-se uma conduta mais reservada e evitam a auto-afirmação. Preferem não dar nas vistas, postura que assumem ao deixar os outros falar.

Actividade (E4) – Níveis mais elevados de actividade correspondem a pessoas enérgicas, com ritmo rápido e vigoroso e que necessitam de estar ocupadas. O oposto não é indicativo de indivíduos preguiçosos, mas sim de sujeitos que não têm pressa e que são mais vagarosos.

Procura de Excitação (E5) – Num dos extremos desta escala, temos sujeitos que procuram estimulações fortes, aceitam riscos e gostam de ambientes ruidosos e de cores coloridas. No outro extremo, situam-se os indivíduos que evitam a sobre-estimulação.

Emoções Positivas (E6) – Esta é a faceta de E mais relacionada com a satisfação com a vida.

Elevadas pontuações são reveladoras de sujeitos alegres, espirituosos e divertidos. Estes mesmos sujeitos terão tendência a experienciar emoções positivas, tais como a alegria, a felicidade e o amor. Os indivíduos com baixa pontuação, não sendo propriamente infelizes, são menos exuberantes, pouco entusiastas, plácidos e sérios.

Abertura à Experiência (O)

São considerados como componentes do domínio Abertura à Experiência, a fantasia ou imaginação activa, a sensibilidade estética, a amplitude dos sentimentos, a abertura a ideias ou curiosidade intelectual e o juízo independente ou liberal. Globalmente, este domínio traduz a procura proactiva, a apreciação da experiência, por si própria, a tolerância e a exploração do não-familiar. Os indivíduos abertos à experiência são curiosos, criativos, originais, imaginativos, têm uma grande diversidade de interesses, são pouco convencionais e tradicionais, facilmente põem em causa a autoridade e optam por novas ideias sociais, políticas e/ou éticas. Contrariamente, os sujeitos com baixa pontuação em O, terão manifestamente mais tendência a serem convencionais terra-a-terra e conservadores. Preferem o familiar à novidade, têm uma gama de interesses mais limitada e tendem a ser pouco artísticos ou analíticos.

As facetas da Abertura à Experiência incluem:

Fantasia (O1) – As pontuações elevadas evidenciam um perfil de sujeitos com imaginação viva e fantasia activa, que apreciam sonhar acordados e fantasiar. Inversamente, os indivíduos que obtêm pontuações baixas preferem o pensamento realista, são práticos e evitam sonhar acordados.

Estética (O2) – Nesta escala, o sujeito com elevada pontuação valoriza a experiência estética, aprecia a arte e a beleza. Não tendo necessariamente bom gosto ou talento, o seu interesse leva-o, porém, a aprofundar os seus conhecimentos neste domínio. Se a pontuação for baixa, tratar-se-á de pessoas com pouca sensibilidade à beleza e que não se encontra, particularmente vocacionadas para apreciar arte.

Sentimentos (O3) – Pontuações elevadas são indicadores de pessoas sensíveis, empáticas, que valorizam os próprios sentimentos e que respondem emocionalmente às situações. Trata-se assim de uma disposição de receptividade aos sentimentos e emoções interiores. As emoções (sentimentos, afectos) são avaliadas como uma parte importante da vida. A baixa pontuação é reveladora de uma menor amplitude e de uma desvalorização dos diferentes estados emocionais.

Acções (O4) – A elevada performance nesta faceta denota a procura da novidade, da variedade, reflectida, por exemplo, na busca de novas actividades, no experimentar de diferentes passatempos, entre outras actividades. Contrariamente, a baixa pontuação está conotada com uma postura onde o familiar é manifestamente preferido em relação à novidade. Por outro lado, estes indivíduos optam preferencialmente por seguir a sua rotina normal e elegem a sua maneira de ser como conduta habitual.

Ideias (O5) – É premente esclarecer que a faceta de Ideias não implica, necessariamente, inteligência elevada. Contudo, há que reconhecer que favorece o filosófico e a resolução de quebra-cabeças. No extremo oposto, o sujeito com baixa pontuação é mais pragmático, factualmente orientado, não aprecia desafios intelectuais e tem uma curiosidade mais limitada.

Valores (O6) – Esta faceta prende-se com a capacidade para re-equacionar os valores sociais, políticos e religiosos. Assim, uma pontuação elevada é indicativa de horizontes mais abrangentes, tolerância, não-conformismo e “abertura de espírito”. De forma inversa, baixos valores estão associados ao dogmatismo e conservadorismo.

Amabilidade (A)

A amabilidade, tal como aqui é entendida, reporta-se às tendências interpessoais e refere-se à qualidade da orientação interpessoal que se estabelece num contínuo desde a compaixão ao antagonismo nos pensamentos, sentimentos e acções. Esta dimensão não influencia somente a auto-imagem, como também ajuda a formar as atitudes sociais e a filosofia de vida. À luz deste domínio, a pessoa amável é, fundamentalmente, altruísta, possuidora de bons sentimentos, benevolente, digna de confiança, prestável, disposta a acreditar nos outros, recta e inclinada a perdoar. Contrastando com estas características, a pessoa hostil é egocêntrica, cínica, rude, desconfiada, pouco cooperativa, vingativa, irritável, manipuladora, céptica em relação às tendências dos outros e mais competitiva do que cooperativa. Uma baixa pontuação neste domínio encontra-se associada a distúrbios narcísicos, anti-sociais e paranóides da personalidade, ao invés de uma pontuação alta, que poderá estar associada a distúrbios dependentes da personalidade

As facetas da Amabilidade incluem:

Confiança (A1) – Indivíduos com pontuação elevada terão tendência a atribuir intenções benévolas aos outros e a considerá-los como honestos e bem intencionados. Aplica-

se o inverso no que diz respeito a pontuações baixas, isto é, estes sujeitos serão, tendencialmente, cínicos, cépticos e suspeitarão das intenções dos outros.

Rectidão (A2) – s seguintes características encontram-se associadas aos sujeitos que obtêm pontuações elevadas: a franqueza, a frontalidade, a sinceridade e a ingenuidade na forma de lidar com os outros. Em suma, são amáveis e ingénuas. Contrariamente, as pontuações baixas denotam pessoas calculistas, com tendência para a manipulação do outro através do elogio ou da chantagem. Estas são tidas como estratégias sociais necessárias e não estritamente como indícios de desonestidade, embora estes sujeitos tenham notoriamente maior tendência para esconder a verdade e ocultar os seus verdadeiros sentimentos.

Altruísmo (A3) – Se um baixo valor na faceta de altruísmo é indicativo de pessoas mais centradas em si próprias e relutantes em se envolver nos problemas dos outros, os indivíduos que obtenham um resultado elevado nesta escala demonstram características de filantropia, cortesia mundana, consideração, interesse social, auto-sacrifício e vontade de ajudar.

Complacência (A4) – Pontuações altas nesta faceta correspondem à capacidade de aceitação da opinião dos outros, manifestada, habitualmente, por indivíduos brandos, capazes de inibir a agressividade e com capacidade de perdoar e esquecer. Valores baixos estão associados a sujeitos agressivos, antagónicos, contestatários, competitivos e que não se coíbem de se manifestarem com irritação.

Modéstia (A5) – Uma elevada pontuação é característica de sujeitos que se revelam humildes e pouco preocupados consigo próprios. Não obstante, há que esclarecer que estes sujeitos não têm necessariamente uma baixa auto-estima ou baixa auto-confiança. De modo oposto, um resultado baixo é típico de uma pessoa arrogante, com uma visão exaltada de si própria, tendências narcisistas, fundadas na crença de que é superior aos outros.

Sensibilidade (A6) – Esta escala avalia atitudes de simpatia e de preocupação pelos outros. Resultados no extremo positivo são indicadores de indivíduos que, ao ajuizar os outros ou ao tomar atitudes afins, deixam-se guiar pelos sentimentos, particularmente os de simpatia. Estas pessoas terão tendência a realçar o lado humano da política social. O sujeito com pontuação baixa considera-se mais realista e racional e não se deixa comover facilmente.

Conscienciosidade (C)

O presente factor pretende medir o grau de organização, persistência e motivação através do comportamento orientado para a prossecução de um objectivo. Num dos extremos da escala encontram-se indivíduos dignos de confiança e escrupulosos, enquanto que no outro extremo estão reunidos os sujeitos preguiçosos e descuidados.

As facetas da Conscienciosidade incluem:

Competência (C1) – Esta faceta encontra-se particularmente associada à auto-estima e ao locus de controlo interno. Um bom resultado nesta escala encontra-se associado a sujeitos que se sentem bem preparados e capazes de lidar com a vida. Contrariamente, uma pontuação baixa manifesta que os próprios são detentores de uma fraca opinião relativamente às próprias aptidões. Associada a esta opinião, estes indivíduos consideram-se mal preparados e incapazes para fazer face a certas situações.

Ordem (C2) – Este é um constructo familiar a muitos tipos de inventário de personalidade, sendo que, num dos pólos desta escala, encontram-se sujeitos com tendência para manter e preservar o meio que os rodeia limpo e bem organizado. Inversamente, no outro pólo, os sujeitos com baixa pontuação em C2, revelam dificuldades de organização e descrevem-se como pouco metódicos. No seu extremo, admite-se que um C2 elevado pode contribuir para uma desordem compulsiva da personalidade.

Obediência ao Dever (C3) – Esta faceta está relacionada com a energia do superego, não devendo, porém, ser associada ao desenvolvimento moral ou raciocínio mas sim ao cumprimento das obrigações e à obediência aos princípios. O sujeito com pontuação elevada adere estritamente aos seus padrões de conduta, princípios éticos e obrigações morais. O mesmo não se poderá dizer relativamente aos sujeitos com baixa pontuação já que estes, sendo menos rigorosos em relação a estas questões, tornam-se, por vezes, irresponsáveis.

Esforços de Realização (C4) – Indivíduos com pontuações altas são, habitualmente, pessoas diligentes, com objectivos e sentido para a vida. Apresentam níveis de realização elevados e encontram-se fortemente motivados para os atingir, correndo o risco de investirem exageradamente nas suas carreiras, podendo inclusive tornar-se viciados no trabalho. Os indivíduos no extremo oposto tenderão a preocupar-se menos com tais assuntos, não se sentindo atraídos pelo sucesso e manifestando ainda uma notória falta de ambição.

Auto-Disciplina (C5) – Assumindo que a auto-disciplina é algo que confere a um sujeito a capacidade de iniciar e concluir uma determinada tarefa, independentemente do factor cansaço ou das distrações, admite-se que uma pontuação elevada signifique que o sujeito em questão revela boa capacidade para se motivar na prossecução de um objectivo. Inversamente, uma baixa pontuação nesta escala, será indicadora de sujeitos que ficam mais facilmente prostrados e, perante a frustração, desistem.

Deliberação (C6) – Esta faceta remete para a tendência para pensar com cautela, a planificar e a ponderar antes de agir, relativamente a pontuações altas. Relativamente a sujeitos que demonstram baixas pontuações, caracterizam-se por actuarem muitas vezes sem pensar nas consequências, são espontâneos e, revelam ser capazes de tomar decisões perspicazes.

ANEXO H

Análise de Conteúdo

ANEXO I
OUTPUTS

Estatística Descritiva

Género

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masc	12	34,3	34,3	34,3
	Fem	23	65,7	65,7	100,0
Total		35	100,0	100,0	

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	46	1	2,9	2,9	2,9
	49	1	2,9	2,9	5,7
	50	1	2,9	2,9	8,6
	52	3	8,6	8,6	17,1
	53	1	2,9	2,9	20,0
	54	1	2,9	2,9	22,9
	55	2	5,7	5,7	28,6
	56	2	5,7	5,7	34,3
	57	1	2,9	2,9	37,1
	58	1	2,9	2,9	40,0
	59	1	2,9	2,9	42,9
	60	2	5,7	5,7	48,6
	61	1	2,9	2,9	51,4
	63	1	2,9	2,9	54,3
	64	1	2,9	2,9	57,1
	65	2	5,7	5,7	62,9
	66	1	2,9	2,9	65,7
	67	1	2,9	2,9	68,6
	69	1	2,9	2,9	71,4
	70	1	2,9	2,9	74,3
71	1	2,9	2,9	77,1	
74	1	2,9	2,9	80,0	
75	2	5,7	5,7	85,7	
77	1	2,9	2,9	88,6	
83	1	2,9	2,9	91,4	
85	1	2,9	2,9	94,3	
87	1	2,9	2,9	97,1	
88	1	2,9	2,9	100,0	
Total		35	100,0	100,0	

EstCiv

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Cas	25	71,4	71,4	71,4
	UniFact	2	5,7	5,7	77,1
	Div	1	2,9	2,9	80,0
	Viuv	7	20,0	20,0	100,0
	Total	35	100,0	100,0	

HabLit

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	S/Hab	4	11,4	11,4	11,4
	EnsBas	8	22,9	22,9	34,3
	9º	3	8,6	8,6	42,9
	12º	1	2,9	2,9	45,7
	EnSup	13	37,1	37,1	82,9
	antigo7º	3	8,6	8,6	91,4
	Doutoramento	1	2,9	2,9	94,3
	TécnicoProfissional	2	5,7	5,7	100,0
	Total	35	100,0	100,0	

Prof

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	SerraMec	1	2,9	2,9	2,9
	Costureira	1	2,9	2,9	5,7
	Doméstica	3	8,6	8,6	14,3
	Reformado	19	54,3	54,3	68,6
	TécAvComercial	1	2,9	2,9	71,4
	AssistAdmin	1	2,9	2,9	74,3
	Professor	3	8,6	8,6	82,9
	Administrativa	1	2,9	2,9	85,7
	Comerciante	1	2,9	2,9	88,6
	Enfermeira	1	2,9	2,9	91,4
	EngMec	1	2,9	2,9	94,3

Militar	1	2,9	2,9	97,1
GuardaPrisional	1	2,9	2,9	100,0
Total	35	100,0	100,0	

ÁreaRes

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Torres Novas	14	40,0	40,0	40,0
Lisboa	21	60,0	60,0	100,0
Total	35	100,0	100,0	

Religião

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Católica	33	94,3	94,3	94,3
S/Rel	2	5,7	5,7	100,0
Total	35	100,0	100,0	

CoHab

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Domic	27	77,1	77,1	77,1
Fam	4	11,4	11,4	88,6
S/CoHab	3	8,6	8,6	97,1
Lar	1	2,9	2,9	100,0
Total	35	100,0	100,0	

AnosCas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 12	2	5,7	5,7	5,7
17	1	2,9	2,9	8,6
21	1	2,9	2,9	11,4
24	2	5,7	5,7	17,1
26	3	8,6	8,6	25,7
28	2	5,7	5,7	31,4
29	2	5,7	5,7	37,1
30	3	8,6	8,6	45,7

31	1	2,9	2,9	48,6
32	2	5,7	5,7	54,3
33	1	2,9	2,9	57,1
36	2	5,7	5,7	62,9
40	2	5,7	5,7	68,6
42	1	2,9	2,9	71,4
46	1	2,9	2,9	74,3
49	1	2,9	2,9	77,1
50	1	2,9	2,9	80,0
51	1	2,9	2,9	82,9
52	1	2,9	2,9	85,7
56	1	2,9	2,9	88,6
60	3	8,6	8,6	97,1
65	1	2,9	2,9	100,0
Total	35	100,0	100,0	

TipCas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Ncas	2	5,7	5,7	5,7
	Igreja	31	88,6	88,6	94,3
	Civil	2	5,7	5,7	100,0
	Total	35	100,0	100,0	

NºFilhos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	6	17,1	17,1	17,1
	1	9	25,7	25,7	42,9
	2	14	40,0	40,0	82,9
	3	1	2,9	2,9	85,7
	4	2	5,7	5,7	91,4
	5	2	5,7	5,7	97,1
	6	1	2,9	2,9	100,0
	Total	35	100,0	100,0	

CoHab

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Domic	27	77,1	77,1	77,1
	Fam	4	11,4	11,4	88,6
	S/CoHab	3	8,6	8,6	97,1
	Lar	1	2,9	2,9	100,0
	Total	35	100,0	100,0	

Etnia

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Caucas	33	94,3	94,3	94,3
	Negr	2	5,7	5,7	100,0
	Total	35	100,0	100,0	

ANEXO J

Verificação da Normalidade e Homogeneidade das Subescalas do NEO-PI-R

Tests of Normality

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
N	,124	35	,188	,972	35	,511
N1	,149	35	,047	,950	35	,110
N2	,119	35	,200*	,946	35	,085
N3	,090	35	,200*	,958	35	,205
N4	,085	35	,200*	,981	35	,800
N5	,146	35	,056	,948	35	,100
N6	,138	35	,091	,944	35	,074
E	,115	35	,200*	,957	35	,186
E1	,137	35	,095	,958	35	,206
E2	,097	35	,200*	,977	35	,662
E3	,142	35	,073	,965	35	,315
E4	,110	35	,200*	,960	35	,227
E5	,161	35	,022	,925	35	,021
E6	,197	35	,001	,895	35	,003
O	,144	35	,064	,954	35	,147
O1	,106	35	,200*	,980	35	,761
O2	,129	35	,151	,974	35	,564
O3	,123	35	,200*	,966	35	,344
O4	,155	35	,033	,953	35	,137
O5	,132	35	,127	,962	35	,258
O6	,094	35	,200*	,980	35	,752
A	,097	35	,200*	,979	35	,718
A1	,132	35	,129	,957	35	,191
A2	,123	35	,200*	,970	35	,433
A3	,134	35	,111	,957	35	,187
A4	,159	35	,026	,954	35	,155
A5	,136	35	,101	,935	35	,038
A6	,132	35	,132	,948	35	,097
C	,115	35	,200*	,969	35	,406
C1	,108	35	,200*	,972	35	,509
C2	,133	35	,119	,967	35	,367
C3	,128	35	,159	,968	35	,392
C4	,151	35	,041	,955	35	,163
C5	,155	35	,032	,968	35	,385
C6	,116	35	,200*	,978	35	,679

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a lower bound of the true significance.

ANEXO K

Subescalas cujos pressupostos da Normalidade e da Homogeneidade não foram verificados

Mann-Whitney Test

Test Statistics^b

	E	E5	E6
Mann-Whitney U	108,500	117,000	94,500
Wilcoxon W	384,500	393,000	370,500
Z	-1,026	-,737	-1,521
Asymp. Sig. (2-tailed)	,305	,461	,128
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,310 ^a	,482 ^a	,132 ^a

Ranks

Género		N	Mean Rank	Sum of Ranks
E	Masc	12	20,46	245,50
	Fem	23	16,72	384,50
	Total	35		
E5	Masc	12	19,75	237,00
	Fem	23	17,09	393,00
	Total	35		
E6	Masc	12	21,63	259,50
	Fem	23	16,11	370,50
	Total	35		

ANEXO L

Valores das médias da amostra em comparação com os valores normativos

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
N	35	86,51	18,441	3,117

One-Sample Test

Test Value = 77.8						
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
N	2,796	34	,008	8,714	2,38	15,05

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
N1	35	18,23	4,426	,748

One-Sample Test

Test Value = 19.1						
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
N1	-1,165	34	,252	-,871	-2,39	,65

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
N2	35	13,54	3,807	,643

One-Sample Test

Test Value = 14.5						
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
N2	-1,488	34	,146	-,957	-2,26	,35

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
N3	35	14,74	5,095	,861

One-Sample Test

	Test Value = 16.1					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
N3	-1,576	34	,124	-1,357	-3,11	,39

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
N4	35	15,31	3,795	,641

One-Sample Test

	Test Value = 16.2					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
N4	-1,381	34	,176	-,886	-2,19	,42

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
N5	35	14,17	4,335	,733

One-Sample Test

	Test Value = 15.9					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
N5	-2,359	34	,024	-1,729	-3,22	-,24

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
N6	35	11,80	4,093	,692

One-Sample Test

	Test Value = 12.9					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
N6	-1,590	34	,121	-1,100	-2,51	,31

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
E	35	99,57	14,355	2,426

One-Sample Test

	Test Value = 109.2					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
E	-3,968	34	,000	-9,629	-14,56	-4,70

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
E1	35	20,89	3,297	,557

One-Sample Test

	Test Value = 21.7					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
E1	-1,461	34	,153	-,814	-1,95	,32

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
E2	35	14,94	4,359	,737

One-Sample Test

	Test Value = 16.5					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
E2	-2,114	34	,042	-1,557	-3,05	-,06

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
E3	35	14,40	3,829	,647

One-Sample Test

	Test Value = 13.9					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
E3	,773	34	,445	,500	-,82	1,82

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
E4	35	16,11	3,411	,577

One-Sample Test

	Test Value = 17.0					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
E4	-1,536	34	,134	-,886	-2,06	,29

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
E5	35	14,94	3,143	,531

One-Sample Test

	Test Value = 17.6					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
E5	-5,001	34	,000	-2,657	-3,74	-1,58

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
E6	35	18,29	4,141	,700

One-Sample Test

	Test Value = 18.2					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
E6	,122	34	,903	,086	-1,34	1,51

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
O	35	103,57	13,952	2,358

One-Sample Test

	Test Value = 108.1					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
O	-1,920	34	,063	-4,529	-9,32	,26

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
O1	35	15,86	3,414	,577

One-Sample Test

	Test Value = 17.0					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
O1	-1,980	34	,056	-1,143	-2,32	,03

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
O2	35	19,97	4,890	,827

One-Sample Test

	Test Value = 19.8					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
O2	,207	34	,837	,171	-1,51	1,85

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
O3	35	18,69	2,998	,507

One-Sample Test

	Test Value = 19.4					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
O3	-1,410	34	,168	-,714	-1,74	,32

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
--	---	------	----------------	-----------------

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
O4	35	14,94	3,226	,545

One-Sample Test

	Test Value = 16.1					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
O4	-2,122	34	,041	-1,157	-2,27	-,05

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
O5	35	16,46	4,104	,694

One-Sample Test

	Test Value = 17.0					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
O5	-,783	34	,439	-,543	-1,95	,87

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
O6	35	17,66	3,038	,514

One-Sample Test

	Test Value = 17.5					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
O6	,306	34	,761	,157	-,89	1,20

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
--	---	------	----------------	-----------------

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
A	35	122,37	11,978	2,025

One-Sample Test

	Test Value = 123.3					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
A	-,459	34	,649	-,929	-5,04	3,19

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
A1	35	18,86	3,607	,610

One-Sample Test

	Test Value = 18.5					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
A1	,586	34	,562	,357	-,88	1,60

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
A2	35	20,06	3,940	,666

One-Sample Test

	Test Value = 19.0					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
A2	1,587	34	,122	1,057	-,30	2,41

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
--	---	------	----------------	-----------------

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
A3	35	22,40	2,523	,426

One-Sample Test

	Test Value = 21.9					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
A3	1,173	34	,249	,500	-,37	1,37

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
A4	35	19,03	2,844	,481

One-Sample Test

	Test Value = 18.8					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
A4	,476	34	,637	,229	-,75	1,21

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
A5	35	20,17	3,204	,542

One-Sample Test

	Test Value = 20.0					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
A5	,317	34	,754	,171	-,93	1,27

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
A6	35	21,86	2,225	,376

One-Sample Test

	Test Value = 21.2					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
A6	1,747	34	,090	,657	-,11	1,42

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
C	35	126,51	14,180	2,397

One-Sample Test

	Test Value = 129.3					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
C	-1,162	34	,253	-2,786	-7,66	2,09

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
C1	35	21,43	3,137	,530

One-Sample Test

	Test Value = 20.0					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
C1	2,694	34	,011	1,429	,35	2,51

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
--	---	------	----------------	-----------------

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
C2	35	20,97	3,494	,591

One-Sample Test

	Test Value = 18.9					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
C2	3,508	34	,001	2,071	,87	3,27

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
C3	35	23,74	3,509	,593

One-Sample Test

	Test Value = 22.8					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
C3	1,590	34	,121	,943	-,26	2,15

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
C4	35	19,74	3,212	,543

One-Sample Test

	Test Value = 19.9					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
C4	-,289	34	,774	-,157	-1,26	,95

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
--	---	------	----------------	-----------------

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
C5	35	20,91	3,004	,508

One-Sample Test

	Test Value = 19.2					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
C5	3,377	34	,002	1,714	,68	2,75

One-Sample Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
C6	35	19,71	3,870	,654

One-Sample Test

	Test Value = 18.3					
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
C6	2,162	34	,038	1,414	,08	2,74

ANEXO M

Valores da mediana – Teste de Wilcoxon para uma mediana populacional

Wilcoxon Signed Ranks Test

Ranks

		N	Mean Rank	Sum of Ranks
medianaE5 - E5	Negative Ranks	5 ^a	11,40	57,00
	Positive Ranks	29 ^b	18,55	538,00
	Ties	1 ^c		
	Total	35		

Test Statistics^b

	medianaE5 - E5
Z	-4,131 ^a
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000

Ranks

		N	Mean Rank	Sum of Ranks
medianaE6 - E6	Negative Ranks	17 ^a	12,09	205,50
	Positive Ranks	13 ^b	19,96	259,50
	Ties	5 ^c		
	Total	35		

Test Statistics^b

	medianaE6 - E6
Z	-,557 ^a
Asymp. Sig. (2-tailed)	,577

Ranks

		N	Mean Rank	Sum of Ranks
medianaA5 - A5	Negative Ranks	13 ^a	13,38	174,00
	Positive Ranks	17 ^b	17,12	291,00
	Ties	5 ^c		
	Total	35		

Test Statistics^b

	medianaA5 - A5
Z	-1,213 ^a
Asymp. Sig. (2-tailed)	,225

ANEXO N

Perfil personalidade e área residência

Ranks

ÁreaRes		N	Mean Rank	Sum of Ranks
E	Torres Novas	14	22,14	310,00
	Lisboa	21	15,24	320,00
	Total	35		
E3	Torres Novas	14	21,61	302,50
	Lisboa	21	15,60	327,50
	Total	35		

Test Statistics^b

	E	E3
Mann-Whitney U	89,000	96,500
Wilcoxon W	320,000	327,500
Z	-1,955	-1,710
Asymp. Sig. (2-tailed)	,051	,087
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,052 ^a	,089 ^a

ANEXO O

Estudo correlacional entre perfil de personalidade e anos de casamento

		AnosCas
AnosCas	Pearson Correlation	1
	Sig. (2-tailed)	
	N	35
N	Pearson Correlation	-,108
	Sig. (2-tailed)	,536
	N	35
N1	Pearson Correlation	-,150
	Sig. (2-tailed)	,389
	N	35
N2	Pearson Correlation	-,021
	Sig. (2-tailed)	,904

	N	35
N3	Pearson Correlation	,034
	Sig. (2-tailed)	,844
	N	35
N4	Pearson Correlation	-,281
	Sig. (2-tailed)	,102
	N	35
N5	Pearson Correlation	-,370*
	Sig. (2-tailed)	,029
	N	35
N6	Pearson Correlation	,118

	Sig. (2-tailed)	,500
	N	35
E	Pearson Correlation	-,173
	Sig. (2-tailed)	,321
	N	35
E1	Pearson Correlation	-,054
	Sig. (2-tailed)	,756
	N	35
E2	Pearson Correlation	-,265
	Sig. (2-tailed)	,124
	N	35
E3	Pearson Correlation	-,019

	Sig. (2-tailed)	,913
	N	35
E4	Pearson Correlation	-,165
	Sig. (2-tailed)	,343
	N	35
E5	Pearson Correlation	-,074
	Sig. (2-tailed)	,671
	N	35
E6	Pearson Correlation	-,067
	Sig. (2-tailed)	,704
	N	35
O	Pearson Correlation	,076

	Sig. (2-tailed)	,663
	N	35
O1	Pearson Correlation	,197
	Sig. (2-tailed)	,256
	N	35
O2	Pearson Correlation	-,036
	Sig. (2-tailed)	,840
	N	35
O3	Pearson Correlation	,027
	Sig. (2-tailed)	,880
	N	35
O4	Pearson Correlation	-,105

	Sig. (2-tailed)	,548
	N	35
O5	Pearson Correlation	,239
	Sig. (2-tailed)	,167
	N	35
O6	Pearson Correlation	-,052
	Sig. (2-tailed)	,768
	N	35
A	Pearson Correlation	,046
	Sig. (2-tailed)	,791
	N	35
A1	Pearson Correlation	-,164

	Sig. (2-tailed)	,346
	N	35
A2	Pearson Correlation	-,011
	Sig. (2-tailed)	,951
	N	35
A3	Pearson Correlation	,342 [*]
	Sig. (2-tailed)	,044
	N	35
A4	Pearson Correlation	,055
	Sig. (2-tailed)	,753
	N	35
A5	Pearson Correlation	,192

	Sig. (2-tailed)	,268
	N	35
A6	Pearson Correlation	-,200
	Sig. (2-tailed)	,249
	N	35
C	Pearson Correlation	-,151
	Sig. (2-tailed)	,387
	N	35
C1	Pearson Correlation	-,066
	Sig. (2-tailed)	,705
	N	35
C2	Pearson Correlation	-,123

	Sig. (2-tailed)	,482
	N	35
C3	Pearson Correlation	-,157
	Sig. (2-tailed)	,368
	N	35
C4	Pearson Correlation	-,346*
	Sig. (2-tailed)	,042
	N	35
C5	Pearson Correlation	-,001
	Sig. (2-tailed)	,994
	N	35
C6	Pearson Correlation	,042
	Sig. (2-tailed)	,810
	N	35

ANEXO P

Estudo correlacional entre perfil de personalidade e idade

		N
N	Pearson Correlation	1
	Sig. (2-tailed)	
	N	35
N1	Pearson Correlation	,737**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	35
N2	Pearson Correlation	,724**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	35
N3	Pearson Correlation	,797**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	35
N4	Pearson Correlation	,644**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	35
N5	Pearson Correlation	,512**
	Sig. (2-tailed)	,002
	N	35
N6	Pearson Correlation	,721**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	35
E	Pearson Correlation	-,235
	Sig. (2-tailed)	,175
	N	35
E1	Pearson Correlation	-,308
	Sig. (2-tailed)	,072
	N	35
E2	Pearson Correlation	,021
	Sig. (2-tailed)	,905
	N	35
E3	Pearson Correlation	-,418*
	Sig. (2-tailed)	,012
	N	35
E4	Pearson Correlation	,112
	Sig. (2-tailed)	,523
	N	35
E5	Pearson Correlation	-,120
	Sig. (2-tailed)	,491
	N	35
E6	Pearson Correlation	-,205
	Sig. (2-tailed)	
	N	

	Sig. (2-tailed)	,239
	N	35
O	Pearson Correlation	-,209
	Sig. (2-tailed)	,229
	N	35
O1	Pearson Correlation	-,017
	Sig. (2-tailed)	,925
	N	35
O2	Pearson Correlation	-,073
	Sig. (2-tailed)	,679
	N	35
O3	Pearson Correlation	-,172
	Sig. (2-tailed)	,323
	N	35
O4	Pearson Correlation	,168
	Sig. (2-tailed)	,334
	N	35
O5	Pearson Correlation	-,430**
	Sig. (2-tailed)	,010
	N	35
O6	Pearson Correlation	-,251
	Sig. (2-tailed)	,145
	N	35
A	Pearson Correlation	-,205
	Sig. (2-tailed)	,238
	N	35
A1	Pearson Correlation	-,089
	Sig. (2-tailed)	,613
	N	35
A2	Pearson Correlation	-,172
	Sig. (2-tailed)	,322
	N	35
A3	Pearson Correlation	-,324
	Sig. (2-tailed)	,058
	N	35
A4	Pearson Correlation	-,286
	Sig. (2-tailed)	,096
	N	35
A5	Pearson Correlation	-,048
	Sig. (2-tailed)	,785
	N	35
A6	Pearson Correlation	,149

	Sig. (2-tailed)	,394
	N	35
C	Pearson Correlation	-,460**
	Sig. (2-tailed)	,005
	N	35
C1	Pearson Correlation	-,554**
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	35
C2	Pearson Correlation	-,046
	Sig. (2-tailed)	,794
	N	35
C3	Pearson Correlation	-,247
	Sig. (2-tailed)	,153
	N	35
C4	Pearson Correlation	-,218
	Sig. (2-tailed)	,208
	N	35
C5	Pearson Correlation	-,512**
	Sig. (2-tailed)	,002
	N	35
C6	Pearson Correlation	-,395*
	Sig. (2-tailed)	,019
	N	35
Idade	Pearson Correlation	-,161
	Sig. (2-tailed)	,355
	N	35

ANEXO Q

Estudo correlacional entre perfil de personalidade e gênero utilizando o coeficiente de correlação Bisserial

Group Statistics

	Género	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
N	Masc	12	78,58	12,176	3,515
	Fem	23	90,65	19,981	4,166
N1	Masc	12	16,50	4,602	1,329
	Fem	23	19,13	4,148	,865
N2	Masc	12	12,25	3,571	1,031
	Fem	23	14,22	3,825	,798
N3	Masc	12	13,75	3,934	1,136
	Fem	23	15,26	5,618	1,171
N4	Masc	12	14,42	3,343	,965
	Fem	23	15,78	4,000	,834
N5	Masc	12	14,33	4,376	1,263
	Fem	23	14,09	4,410	,920
N6	Masc	12	11,08	2,746	,793
	Fem	23	12,17	4,658	,971
E	Masc	12	102,33	13,310	3,842
	Fem	23	98,13	14,952	3,118
E1	Masc	12	22,42	2,275	,657
	Fem	23	20,09	3,502	,730
E2	Masc	12	14,58	5,900	1,703
	Fem	23	15,13	3,442	,718
E3	Masc	12	15,25	3,817	1,102
	Fem	23	13,96	3,843	,801
E4	Masc	12	14,58	3,088	,892
	Fem	23	16,91	3,356	,700
E5	Masc	12	15,42	3,343	,965
	Fem	23	14,70	3,081	,642
E6	Masc	12	20,08	2,503	,723
	Fem	23	17,35	4,549	,948
O	Masc	12	106,17	16,219	4,682
	Fem	23	102,22	12,795	2,668
O1	Masc	12	15,42	3,825	1,104
	Fem	23	16,09	3,246	,677
O2	Masc	12	20,92	5,807	1,676
	Fem	23	19,48	4,399	,917
O3	Masc	12	18,83	3,433	,991
	Fem	23	18,61	2,824	,589
O4	Masc	12	14,50	3,705	1,070
	Fem	23	15,17	3,010	,628

O5	_ Masc	12	17,42	3,147	,908
	_ Fem	23	15,96	4,507	,940
O6	_ Masc	12	19,08	3,059	,883
	_ Fem	23	16,91	2,811	,586
A	_ Masc	12	123,00	12,764	3,685
	_ Fem	23	122,04	11,830	2,467
A1	_ Masc	12	19,42	3,825	1,104
	_ Fem	23	18,57	3,540	,738
A2	_ Masc	12	20,58	3,965	1,145
	_ Fem	23	19,78	3,988	,832
A3	_ Masc	12	21,58	1,975	,570
	_ Fem	23	22,83	2,708	,565
A4	_ Masc	12	19,08	2,466	,712
	_ Fem	23	19,00	3,075	,641
A5	_ Masc	12	20,17	3,689	1,065
	_ Fem	23	20,17	3,010	,628
A6	_ Masc	12	22,17	2,038	,588
	_ Fem	23	21,70	2,344	,489
C	_ Masc	12	128,25	13,025	3,760
	_ Fem	23	125,61	14,948	3,117
C1	_ Masc	12	21,50	2,747	,793
	_ Fem	23	21,39	3,381	,705
C2	_ Masc	12	20,83	3,512	1,014
	_ Fem	23	21,04	3,561	,742
C3	_ Masc	12	24,25	3,223	,930
	_ Fem	23	23,48	3,691	,770
C4	_ Masc	12	20,33	3,114	,899
	_ Fem	23	19,43	3,287	,685
C5	_ Masc	12	21,50	2,780	,802
	_ Fem	23	20,61	3,130	,653
C6	_ Masc	12	19,83	4,152	1,199
	_ Fem	23	19,65	3,809	,794

**Quadro com cálculos da diferença entre médias para verificar a correlação entre
personalidade e género**

Subescalas	Média Masculino	Média Feminino	Total
N1	16,50	19,13	- 2,63
N2	12,25	14,22	- 1,97
N3	13,75	15,26	- 1,51
N4	14,42	15,78	- 1,36
N5	14,33	14,09	0,24
N6	11,08	12,17	- 1,09
E	102,33	98,13	4,2
E1	22,42	20,09	2,33
E2	14,58	15,13	- 0,55
E3	15,25	13,96	1,29
E4	14,58	16,91	- 2,33
E5	15,42	14,70	0,72
E6	20,08	17,35	2,73
O	106,17	102,22	3,95
O1	15,42	16,09	- 0,67
O2	20,02	19,48	0,54
O3	18,83	18,61	0,22
O4	14,50	15,17	- 0,67
O5	17,42	15,96	1,46
O6	19,08	16,91	2,17
A	123,00	122,04	0,96
A1	19,62	18,57	1,05

A2	20,58	19,78	0,8
A3	21,58	22,83	- 1,25
A4	19,08	19,00	0,08
A5	20,17	20,17	0
A6	22,17	21,70	0,47
C	128,25	125,61	2,64
C1	21,50	21,39	0,11
C2	20,83	21,04	- 0,21
C3	24,25	23,48	0,77
C4	20,33	19,43	0,9
C5	21,50	20,61	0,89
C6	10,83	19,65	- 8,82

Anexo I: Estatística Descritiva

Statistics

		Género	Idade	Etnia	EstCiv	HabLit	Prof	ÁreaRes	Religião	AnosCas	TipCas	NºFilhos	CoHab
N	Valid	35	35	35	35	35	35	35	35	35	35	35	35
	Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mean		1,66	63,69	1,06	2,94	3,97	5,23	1,60	1,06	36,09	1,00	1,83	1,37

Anexo J: Teste Levene

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
								Lower	Upper
N Equal variances assumed	,338	,565	-,634	33	,530	-4,071	6,420	-17,132	8,989
Equal variances not assumed			-,629	27,176	,535	-4,071	6,476	-17,354	9,212
N Equal variances assumed	,427	,518	,759	33	,453	1,167	1,537	-1,960	4,293
1 Equal variances not assumed			,753	27,198	,458	1,167	1,550	-2,013	4,346
N Equal variances assumed	1,226	,276	,036	33	,972	,048	1,333	-2,665	2,760
2 Equal variances not assumed			,033	21,235	,974	,048	1,434	-2,932	3,027
N Equal variances assumed	,002	,967	-,905	33	,372	-1,595	1,763	-5,182	1,991
3 Equal variances not assumed			-,911	28,636	,370	-1,595	1,751	-5,179	1,988
N Equal variances assumed	,975	,331	,323	33	,749	,429	1,327	-2,271	3,128
4 Equal variances not assumed			,314	25,415	,756	,429	1,363	-2,376	3,233
N Equal variances assumed	3,455	,072	,759	33	,453	1,143	1,505	-1,919	4,205
5 Equal variances not assumed			,709	21,618	,486	1,143	1,611	-2,202	4,488
N Equal variances assumed	,101	,752	-1,475	33	,150	-2,048	1,388	-4,872	,777
6 Equal variances not assumed			-1,556	32,261	,129	-2,048	1,316	-4,727	,632
E Equal variances assumed	4,283	,046	2,265	33	,030	10,595	4,677	1,080	20,111

	Equal variances not assumed			2,062	19,548	,053	10,595	5,137	-,136	21,327
E	Equal variances assumed	2,390	,132	,268	33	,790	,310	1,153	-2,037	2,656
1	Equal variances not assumed			,244	19,586	,809	,310	1,266	-2,335	2,954
E	Equal variances assumed	,130	,721	1,870	33	,070	2,714	1,451	-,239	5,667
2	Equal variances not assumed			1,841	26,512	,077	2,714	1,474	-,313	5,742
E	Equal variances assumed	4,585	,040	2,339	33	,026	2,905	1,242	,378	5,431
3	Equal variances not assumed			2,195	22,006	,039	2,905	1,324	,160	5,650
E	Equal variances assumed	1,096	,303	,950	33	,349	1,119	1,179	-1,279	3,517
4	Equal variances not assumed			,966	29,635	,342	1,119	1,158	-1,247	3,485
O	Equal variances assumed	,148	,703	-1,194	33	,241	-5,714	4,784	-15,447	4,019
	Equal variances not assumed			-1,200	28,430	,240	-5,714	4,763	-15,465	4,036
O	Equal variances assumed	,253	,618	-,907	33	,371	-1,071	1,181	-3,474	1,331
1	Equal variances not assumed			-,941	31,222	,354	-1,071	1,138	-3,392	1,249
O	Equal variances assumed	3,516	,070	-1,953	33	,059	-3,167	1,621	-6,465	,132
2	Equal variances not assumed			-2,078	32,618	,046	-3,167	1,524	-6,269	-,064
O	Equal variances assumed	,199	,658	,848	33	,402	,881	1,039	-1,232	2,994
3	Equal variances not assumed			,873	30,601	,389	,881	1,009	-1,178	2,940
O	Equal variances assumed	,007	,934	-,126	33	,900	-,143	1,130	-2,441	2,155
4	Equal variances not assumed			-,127	28,207	,900	-,143	1,127	-2,451	2,166
O	Equal variances assumed	,062	,806	-1,131	33	,266	-1,595	1,410	-4,464	1,274
5	Equal variances not assumed			-1,151	29,617	,259	-1,595	1,386	-4,428	1,237
O	Equal variances assumed	,005	,946	-,585	33	,563	-,619	1,059	-2,773	1,535
6	Equal variances not assumed			-,594	29,529	,557	-,619	1,042	-2,748	1,510
A	Equal variances assumed	,018	,894	-1,439	33	,159	-5,857	4,069	-14,136	2,422

	Equal variances not assumed			-1,385	24,284	,179	-5,857	4,230	-14,581	2,867
A	Equal variances assumed	,143	,708	-,568	33	,574	-,714	1,257	-3,272	1,843
1	Equal variances not assumed			-,572	28,686	,572	-,714	1,248	-3,268	1,840
A	Equal variances assumed	,464	,500	-1,125	33	,269	-1,524	1,354	-4,279	1,231
2	Equal variances not assumed			-1,181	31,982	,246	-1,524	1,290	-4,152	1,104
A	Equal variances assumed	,001	,970	-,900	33	,375	-,786	,873	-2,562	,990
3	Equal variances not assumed			-,886	26,513	,383	-,786	,887	-2,606	1,035
A	Equal variances assumed	,012	,914	-,895	33	,377	-,881	,984	-2,883	1,121
4	Equal variances not assumed			-,879	26,221	,388	-,881	1,003	-2,941	1,179
A	Equal variances assumed	,553	,463	-,929	33	,360	-,714	,769	-2,279	,851
6	Equal variances not assumed			-,991	32,731	,329	-,714	,721	-2,181	,753
C	Equal variances assumed	,209	,651	,019	33	,985	,095	4,966	-10,009	10,199
	Equal variances not assumed			,020	30,924	,984	,095	4,805	-9,706	9,896
C	Equal variances assumed	,000	,996	,990	33	,330	1,071	1,083	-1,131	3,274
1	Equal variances not assumed			,968	25,885	,342	1,071	1,107	-1,204	3,347
C	Equal variances assumed	,320	,576	-1,255	33	,218	-1,500	1,195	-3,932	,932
2	Equal variances not assumed			-1,318	32,023	,197	-1,500	1,138	-3,818	,818
C	Equal variances assumed	,458	,503	-,330	33	,744	-,405	1,227	-2,901	2,092
3	Equal variances not assumed			-,347	32,118	,731	-,405	1,166	-2,779	1,970
C	Equal variances assumed	,205	,653	1,371	33	,180	1,500	1,094	-,726	3,726
4	Equal variances not assumed			1,396	29,670	,173	1,500	1,075	-,696	3,696
C	Equal variances assumed	,027	,871	-,204	33	,840	-,214	1,051	-2,353	1,925
5	Equal variances not assumed			-,202	27,253	,841	-,214	1,060	-2,388	1,959
C	Equal variances assumed	2,678	,111	-,264	33	,794	-,357	1,354	-3,112	2,397

6	Equal variances not assumed			-,246	21,408	,808	-,357	1,453	-3,375	2,661
---	-----------------------------	--	--	-------	--------	------	-------	-------	--------	-------

Fase inicial. Questão 1: “Na sua opinião porque acha que está ou esteve casado (a) tantos anos?”

Categoria	Unidade de Registo	Unidade de enumeração
Bom-entendimento	<p>“Temo-nos dado sempre bem.” (2)</p> <p>“Damo-nos bem” (1)</p> <p>“Dávamo-nos bem” (1)</p>	
Amor	<p>“Continuamos a amar-nos muito.” (2)</p> <p>“O meu marido continua a ser tudo para mim, amo-o desde sempre.” (1)</p> <p>“Muito amor.” (6)</p> <p>“Ainda estamos muito apaixonados um pelo outro.” (1)</p> <p>“Porque sempre gostámos e continuamos a gostar um do outro.” (2)</p> <p>“Porque gostamos muito um do outro” (1)</p> <p>“Gostava muito dele” (1)</p> <p>“Continuamos casados por amor” (2)</p> <p>“Amamo-nos muito” (2)</p> <p>“O amor que sentimos é muito forte” (2)</p>	
Respeito	<p>“Sempre nos respeitámos muito.” (1)</p> <p>“Compreensão da diferença do outro.” (1)</p> <p>“Respeitamos as nossas diferenças, sabendo e fazendo por valorizá-las.” (1)</p> <p>“Engolíamos uns sapos para não ofender o outro...” (1)</p> <p>“Soubemos merecer a confiança um do outro e sempre nos respeitámos” (1)</p>	

Diálogo	<p>“Sempre falámos muito um com o outro.” (1)</p> <p>“Fomos sempre conversando.” (1)</p>	
Filhos	<p>“Apenas pelo meu filho ainda estou com ele.” (1)</p> <p>“Necessidade de criar a filha” (1)</p>	
Rotina	<p>“A vida não é um mar de rosas... há sempre dificuldades mas ainda assim continuamos juntos.” (1)</p> <p>“Habitamo-nos a estar juntos e, por vezes, a separação pode ser mais difícil.” (1)</p> <p>“Acomodamento.” (1)</p> <p>“Por hábito” (2)</p>	
Perdão	<p>“Poder de perdoar” (1)</p>	
Apoio	<p>“Sempre nos apoiámos um ao outro” (2)</p>	
Companheirismo	<p>“Temos sido grandes companheiros” (2)</p>	
Tolerância	<p>“Temos que ser tolerantes com o outro” (1)</p>	

Fase final. Questão 1: “Na sua opinião porque acha que está ou esteve casado (a) tantos anos?”

Categoria	Unidade de Registo	Unidade de enumeração
Bom-entendimento	“Temo-nos dado sempre bem.” (4)	11%
Amor	“Continuamos a amar-nos muito.” (16) “O meu marido continua a ser tudo para mim, amo-o desde sempre.” (1) “Ainda estamos muito apaixonados um pelo outro.” (1) “O amor que sentimos é muito forte” (2)	57%
Respeito	“Sempre nos respeitámos muito.” (1) “Compreensão da diferença do outro.” (1) “Respeitamos as nossas diferenças, sabendo e fazendo por valorizá-las.” (1) “Engolíamos uns sapos para não ofender o outro...” (1) “Soubemos merecer a confiança um do outro e sempre nos respeitámos” (1)	14%
Diálogo	“Sempre falámos muito um com o outro.” (2)	5%
Filhos	“Apenas pelo meu filho ainda estou com ele.” (1) “Necessidade de criar a filha” (1)	5%
Rotina	“A vida não é um mar de rosas... há sempre dificuldades mas ainda assim continuamos juntos porque nos habituamos a isso.” (1) “Habitamo-nos a estar juntos e, por vezes, a separação pode ser mais difícil.” (1) “Acomodamento.” (1) “Por hábito” (2)	14%
Perdão	“Poder de perdoar” (1)	2%
Apoio	“Sempre nos apoiámos um ao outro” (2)	5%
Companheirismo	“Temos sido grandes companheiros” (2)	5%
Tolerância	“Temos que ser tolerantes com o outro” (1)	2%

Fase inicial. Questão 2: “Devem ter encontrado algumas dificuldades ao longo do tempo, em que momentos as sentiram?”

Categoria	Unidade de Registro	Unidade de enumeração
Dificuldades financeiras	<p>“Sentimos dificuldades quando a certa altura o meu ordenado baixou.” (1)</p> <p>“Nos momentos de crise.” (1)</p> <p>“No início do nosso casamento tínhamos pouco dinheiro, foram tempos muito duros.” (2)</p> <p>“Às vezes tínhamos arrufos porque havia pouco dinheiro e muitas despesas.” (1)</p> <p>“Estivemos em África 20 anos e tivemos que voltar, foi muito difícil porque viemos de mãos a abanar” (2)</p>	
Vida Profissional	<p>“Por vezes sentimos dificuldades devido à incompatibilidade de horários por causa do trabalho.” (2)</p> <p>“Às vezes havia tanto trabalho que nem tínhamos tempo para estar juntos” (6)</p> <p>“Foi difícil quando tivemos que viver separados por razões da vida profissional de ambos” (1)</p> <p>“Quando o meu marido andava na tropa” (1)</p>	
Filhos	<p>“Crescimento dos filhos.” (1)</p> <p>“As divergências na educação dos filhos.” (3)</p> <p>“Problemas com os filhos.” (1)</p> <p>“Discutíamos por causa dos filhos.” (1)</p> <p>“Quando os filhos eram pequenos” (1)</p>	
Doenças	<p>“Problemas de saúde.” (1)</p> <p>“Quando tive um acidente e estive muito doente” (1)</p> <p>“Contrariedades das doenças” (1)</p>	
Falta de Respeito	<p>“Quando há traição de uma das partes.” (1)</p> <p>“A falta de respeito pela identidade do outro, faz com que este se anule e assim suba a tensão entre os casais.” (1)</p>	

Fase final. Questão 2: “Devem ter encontrado algumas dificuldades ao longo do tempo, em que momentos as sentiram?”

Categoria	Unidade de Registro	Unidade de enumeração
Dificuldades financeiras	<p>“Sentimos dificuldades quando a certa altura o meu ordenado baixou.” (1)</p> <p>“Nos momentos de crise.” (1)</p> <p>“No início do nosso casamento tínhamos pouco dinheiro, foram tempos muito duros.” (2)</p> <p>“Às vezes tínhamos arrufos porque havia pouco dinheiro e muitas despesas.” (1)</p> <p>“Estivemos em África 20 anos e tivemos que voltar, foi muito difícil porque viemos de mãos a abanar” (2)</p>	20%
Vida Profissional	<p>“Por vezes sentimos dificuldades devido à incompatibilidade de horários por causa do trabalho.” (2)</p> <p>“Às vezes havia tanto trabalho que nem tínhamos tempo para estar juntos” (6)</p> <p>“Foi difícil quando tivemos que viver separados por razões da vida profissional de ambos” (1)</p> <p>“Quando o meu marido andava na tropa” (1)</p>	28%
Filhos	<p>“Crescimento dos filhos.” (1)</p> <p>“As divergências na educação dos filhos.” (3)</p> <p>“Problemas com os filhos.” (1)</p> <p>“Discutíamos por causa dos filhos.” (1)</p> <p>“Quando os filhos eram pequenos” (1)</p>	20%
Doenças	<p>“Problemas de saúde.” (1)</p> <p>“Quando tive um acidente e estive muito doente” (1)</p> <p>“Contrariedades das doenças” (1)</p>	8%
Falta de Respeito	<p>“Quando há traição de uma das partes.” (1)</p> <p>“A falta de respeito pela identidade do outro, faz com que este se anule e assim suba a tensão entre os casais.” (1)</p>	5%

Fase inicial. Questão 3: “Quando encontraram dificuldades, o que fizeram para resolver a situação?”

Categoria	Unidade de Registo	Unidade de enumeração
Regresso à casa dos pais	<p>“Vimo-nos obrigados a voltar a viver com os meus pais” (1)</p> <p>“Os pais dele acolheram-nos” (1)</p>	
Poupança	<p>“Tivemos que poupar.” (1)</p> <p>“Tivemos que fazer certos sacrifícios.” (1)</p> <p>“Fazendo algumas cedências.” (1) “Tivemos que poupar para voltarmos a viver juntos” (1)</p> <p>“Trabalhava mais e poupava”</p>	
Carinho	<p>“Quando nos zangávamos dávamos um beijinho e passava” (1)</p> <p>“Olhávamos um para o outro, sorriamos e passava logo tudo” (1)</p>	
Diálogo	<p>“Conversávamos.” (2)</p> <p>“Discutíamos juntos a forma de resolver os problemas.” (1)</p> <p>“Através do diálogo.” (2)</p> <p>“Conversámos” (4)</p> <p>“Entendíamo-nos através do diálogo.” (1)</p> <p>“Falávamos e passava logo a zanga” (1)</p> <p>“Conversávamos para chegar a um consenso” (1)</p>	
Ruptura	<p>“Chegámos a separar-nos quando soube da traição dele.” (1)</p> <p>“Estava tão farto que acabei por sair de casa durante uns tempos.” (1)</p> <p>“Distanciávamo-nos algum tempo para apaziguar os ânimos.” (1)</p>	

	“Separámo-nos” (1)	
Perdão	“Perdoámo-nos” (2)	

Fase final. Questão 3: “Quando encontraram dificuldades, o que fizeram para resolver a situação?”

Categoria	Unidade de Registo	Unidade de enumeração
Regresso à casa dos pais	“Vimo-nos obrigados a voltar a viver com os meus pais” (2)	5%
Poupança	“Tivemos que poupar.” (4)	11%
Carinho	“Quando nos zangávamos dávamos um beijinho e passava” (1) “Olhávamos um para o outro, sorriamos e passava logo tudo” (1)	5%
Diálogo	“Discutíamos juntos a forma de resolver os problemas.” (1) “Através do diálogo.” (9) “Entendíamos-nos através do diálogo.” (1) “Falávamos e passava logo a zanga” (1) “Conversávamos para chegar a um consenso” (1)	37%
Ruptura	“Chegámos a separar-nos quando soube da traição dele.” (1) “Estava tão farto que acabei por sair de casa durante uns tempos.” (1) “Distanciávamo-nos algum tempo para apaziguar os ânimos.” (1) “Separámo-nos” (1)	11%
Perdão	“Perdoámo-nos” (2)	5%